Iheringia
Série Botânica
ISSN ON-LINE 2446-8231

Myrtaceae na baía das Pitangueiras, Babitonga, Santa Catarina, Brasil

Fábio Christiano Speck Vieira[1], Karin Esemann-Quadros[2,3] & Cynthia Hering-Rinnert[4]

[1]Laboratório de Sistemática Vegetal, Departamento de Botânica, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil
*Autor para correspondência: fcsvieira@alumni.usp.br
[2]Jardim Botânico da UNIVILLE, Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Joinville, SC, Brasil
[3]Universidade Regional de Blumenau (FURB). Blumenau, SC, Brasil
[4]Herbário JOI, Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Joinville, SC, Brasil

Recebido em 07.VI.2022
Aceito em 01.XI.2023

RESUMO – As Myrtaceae nativas e naturalizadas ocorrentes no complexo hídrico da baía Babitonga foram amostradas por meio de saídas a campo nas ilhas e locais adjacentes, análise de material de herbário e coleções em meio digital oriundas da região. Foram elaboradas chaves para determinação, breves descrições, ilustrações fotográficas, observações sobre características peculiares ou comparativas a espécies próximas, ecologia e distribuição geográfica, sinônimos e citações quanto ao grau de ameaça de extinção. Foram registradas 36 espécies, das quais 33 são nativas e 3 naturalizadas, incluídas em 10 gêneros. Os gêneros mais representativos foram *Myrcia*, com 14 espécies, e *Eugenia,* com 11 espécies, seguidos de *Myrceugenia, Psidium* e *Syzygium*, com duas espécies cada, e *Blepharocalyx*, *Myrciaria*, *Neomitranthes*, *Plinia* e *Siphoneugena*, com uma espécie cada. Na categoria em perigo foi registrada *Eugenia neotristis* e *Siphoneugena guilfoyleiana* é uma nova ocorrência. Os resultados servem de base para medidas de conservação da flora local e na determinação taxonômica de espécies arbóreas em outros trabalhos realizados na região, que se apresenta consideravelmente ameaçada pela especulação imobiliária.

Palavras-chave: Flora de ilhas, Floresta Atlântica, florística, Myrteae, sul do Brasil.

ABSTRACT – Myrtaceae in Pitangueiras Bay (Babitonga), Santa Catarina, Brazil. The native and naturalized Myrtaceae species in the water complex of Babitonga Bay were sampled through field trips on the islands and adjacent sites, analysis of herbarium materials, and digital collections from the region. Keys for identification, concise descriptions, photographic illustrations, notes on distinctive features or comparisons with closely related species, ecological information, geographic distribution, synonyms, and references regarding the extinction risk were provided. Thirty-six species were identified, of which 33 are native and 3 are naturalized, belonging to 10 genera. The most representative genera were *Myrcia*, with 14 species, and *Eugenia*, with 11 species, followed by *Myrceugenia*, *Psidium*, and *Syzygium*, each with two species, and *Blepharocalyx*, *Myrciaria*, *Neomitranthes*, *Plinia*, and *Siphoneugena*, each with one species. *Eugenia neotristis* is classified as endangered, while *Siphoneugena guilfoyleiana* represents a new geographic distribution occurrence. The results serve as a basis for conservation measures for the local flora and for the taxonomic determination of tree species in other studies conducted in the region, which is considered threatened by real estate speculation.

Keywords: Atlantic Forest, floristics, island flora, Myrteae

INTRODUÇÃO

A família Myrtaceae Juss. possui cerca de 127 gêneros e 6332 espécies de distribuição pantropical (WCSP 2024), dividida em duas subfamílias: Leptospermoideae com frutos capsulares e ocorrência predominante na Australásia, e Myrtoideae com frutos carnosos, com predomínio nos Neotrópicos, sendo que no Brasil ocorrem cerca de 1.203 espécies de 29 gêneros (Proença *et al.* 2020) da subfamília Myrtoideae, tribo Myrteae (Lucas *et al.* 2019). São sempre plantas lenhosas, a maioria de hábito arbóreo, muito raramente arbustivas ou subarbustivas; todas com grande semelhança morfológica e em geral consideradas de difícil determinação taxonômica (Barroso *et al.* 1984, Sobral 2003). As espécies brasileiras de Myrtaceae são caracterizadas pela filotaxia oposta, raramente verticilada, presença de glândulas translúcidas contendo terpenoides e outros compostos aromáticos em folhas com bordo inteiro, flores na maioria brancas, ovário ínfero, frutos bacáceos com cálice persistente ou menos frequentemente decíduo deixando cicatrizes circulares ou quadrangulares (Landrum & Kawasaki 1997, Sobral 2003, Judd *et al.* 2009). Muitas espécies apresentam importância econômica, como o eucalipto na produção madeireira e celulose, as goiabeiras e araçás (*Psidium*), além de outros gêneros, na produção de frutíferas (*Acca*, *Campomanesia*, *Eugenia*), especiarias (*Syzygium*, *Pimenta*), óleos (*Eucalyptus*), e ornamentais

 DOI 10.21826/2446-82312025v80e20251276

This content is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

(*Callistemon*, *Chamelaucium*, *Leptospermum*, *Myrtus*) entre outras potencialidades (Sobral 2003, Simpson 2006).

A riqueza e densidade de espécies de Myrtaceae é muito elevada no Bioma Mata Atlântica (Mori *et al*. 1983, Murray-Smith *et al*. 2009), apresentando consideráveis percentuais de riqueza apontados por diversos trabalhos realizados em Floresta Ombrófila Densa no Sul e Sudeste do Brasil (Dorneles & Waechter 2004, França & Stehmann 2004, Galvão *et al*. 2002, Kurtz & Araújo 2000, Melo 2000, Negrelle 2002, Oliveira *et al*. 2001, Silva 1985), apesar dos diferentes métodos amostrais e peculiaridades das áreas amostradas.

A região do complexo hídrico da baía Babitonga, ou baía das Pitangueiras (*Eugenia sulcata*, *Eugenia uniflora*, Vieira 2021) tem sua flora parcialmente amostrada. Vieira & Esemann-Quadros (2006) realizaram comparações florísticas de Myrtaceae entre três ilhas, sem apresentar um tratamento taxonômico para a família, bem como espécies foram amostradas no IFFSC - Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina (Vibrans *et al*. 2013) na ilha de São Francisco do Sul (Figuras 1,2). Outros trabalhos locais com Myrtaceae e de natureza taxonômica são os de: Pellis *et al*. (2021) na ilha de Florianópolis e o de Lima *et al*. (2015) na ilha do Mel, no Paraná. Considerando-se que a região tem longo histórico de ocupação humana, de poluição do estuário, de grande desenvolvimento portuário e uma demanda elevada por licenciamentos ambientais devido a especulação imobiliária na área de planície, o presente trabalho teve por objetivo produzir um tratado taxonômico sobre a composição florística de Myrtaceae na região da baía Babitonga, contribuindo para as determinações botânicas nessa família, que tem elevada riqueza arbórea e caracteres de difícil determinação taxonômica (Barroso *et al*. 1984). A seguir são fornecidas descrições, chaves de identificação, ilustrações e comentários taxonômicos sobre as espécies encontradas na região.

MATERIAL E MÉTODOS

O complexo hídrico da baía Babitonga (doravante Babitonga), é um estuário localizado no extremo nordeste do estado de Santa Catarina, abrangendo os municípios de Araquari, Barra do Sul, Garuva, Itapoá, Joinville e São Francisco do Sul (Figuras 1, 2). Desse complexo fazem parte diversas ilhas de interior, cobertas por variadas subformações vegetacionais (Veloso 1992) como restinga, manguezal, Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas (0-30m acima do nível do mar (anm)) e Floresta Ombrófila Densa Submontana (30-400m anm), cuja composição florística tem sido inventariada principalmente nas duas últimas décadas.

As exsicatas utilizadas foram colecionadas nas ilhas e regiões próximas da Babitonga, inclusive no município de São Francisco do Sul, a maior das ilhas, que atualmente é conectada ao continente pelo aterro do Linguado e que já abrangeu os atuais municípios de Garuva e Itapoá. Muitas coletas de Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein (Reitz 1965) têm registradas em suas fichas; locais do alto da Serra do Mar que pertenciam a São Francisco do Sul, pois foram realizadas antes da emancipação de Garuva e Itapoá, o que pode causar confusão nas pesquisas em meio digital.

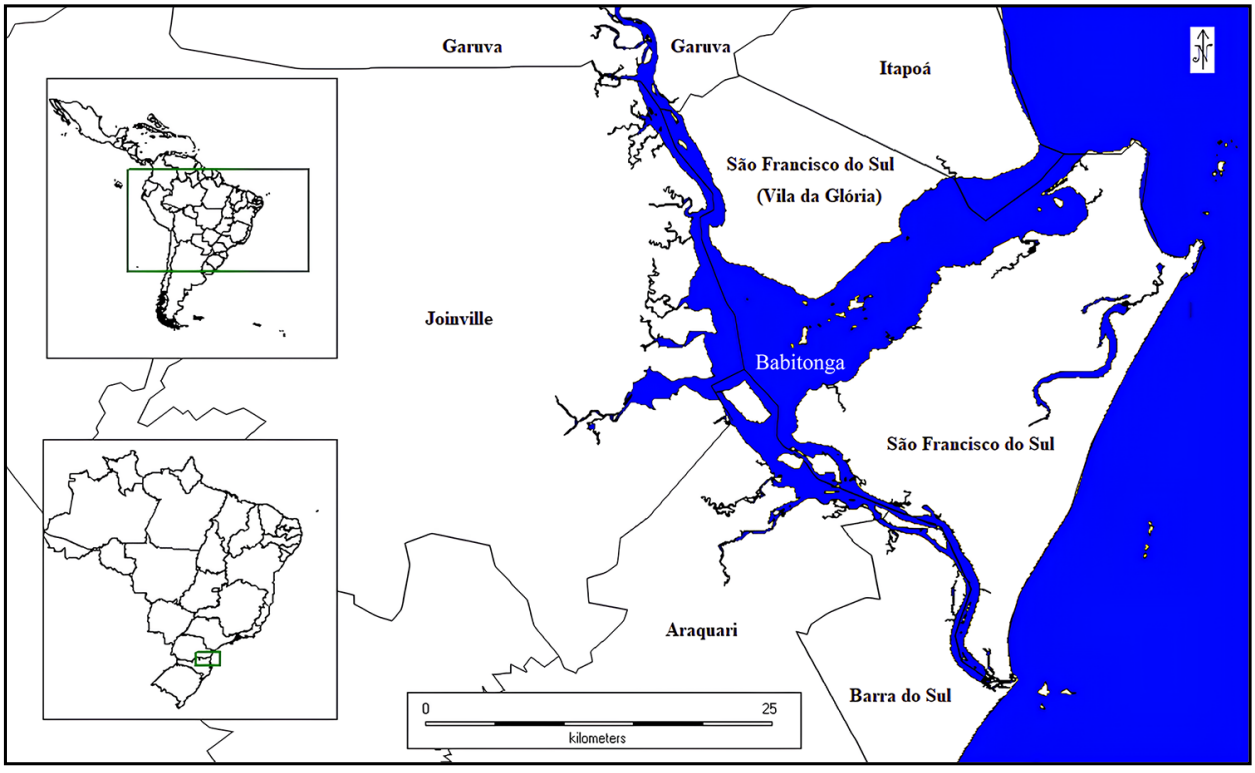

Figura 1. Localização da baía Babitonga no nordeste de Santa Catarina, Brasil.

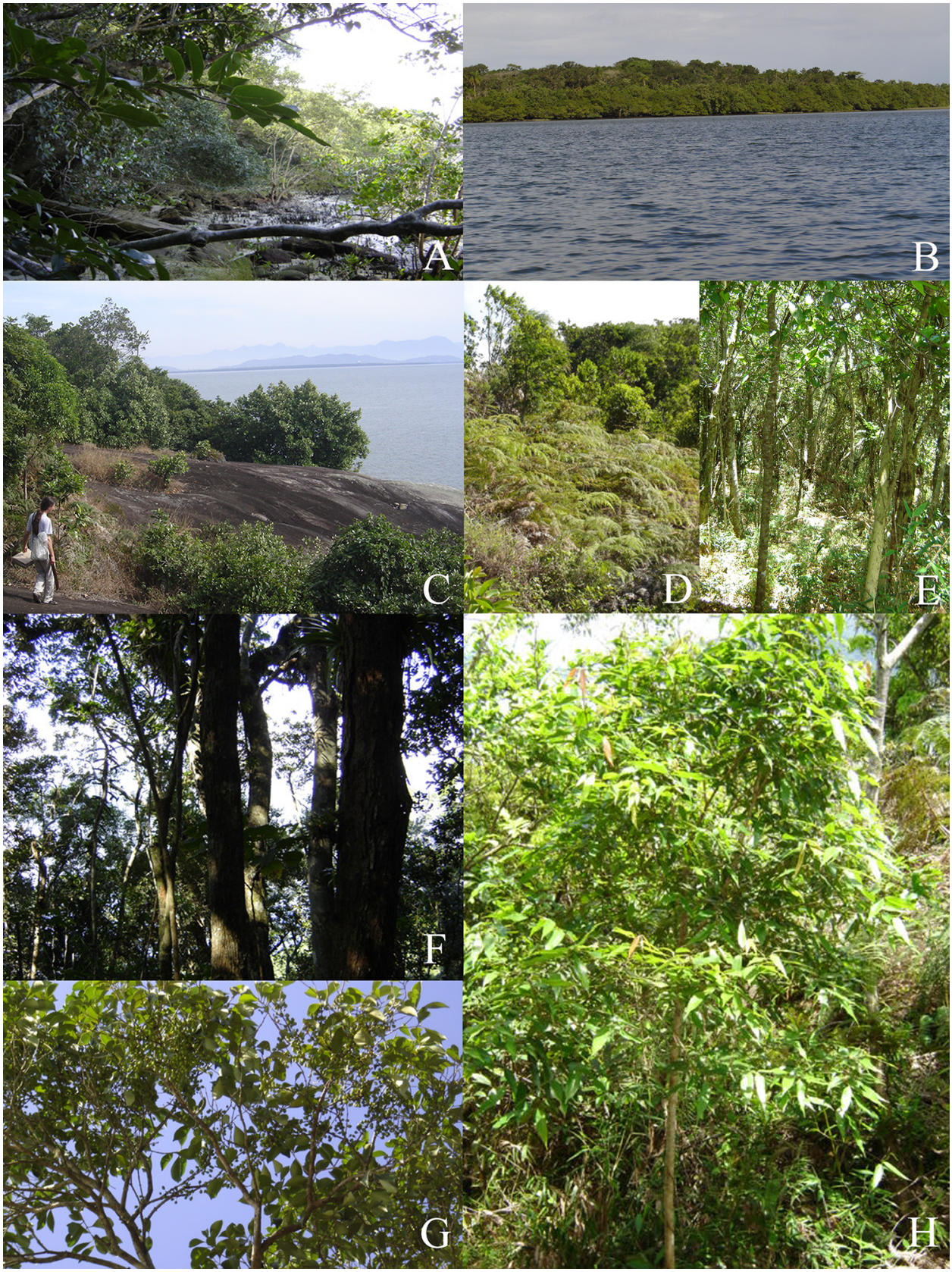

Figura 2. Vegetação da Babitonga. **A.** Mangue e transição para floresta ombrófila de terras baixas; **B.** Floresta ombrófila de terras baixas; **C.** Costão rochoso; **D.** Samambaial, formação pioneira; **E.** Interior de floresta secundária; **F.** Interior de floresta; **G.** *Eugenia astringens*; **H.** *Myrcia splendens*. Figuras A, C, D, E, F, G, H são da ilha Grande; Figura B é da ilha dos Barcos.

Entre os anos de 2004 e 2010 foram efetuadas saídas a campo para as ilhas da Babitonga, visando a implementação do projeto Ilhas, apoiado pela FAPESC (Fundação de Apoio à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - Convênio: nº 6.207/2004-3) para coleta de amostras de plantas férteis, sendo todo material obtido tombado no acervo do Herbário Joinvillea (JOI), da Universidade da região de Joinville (Univille). Os nomes das espécies, autores e *obra princeps* seguem IPNI (2021); as descrições foram feitas com base nos exemplares coletados na área de estudo e em regiões estuarinas próximas, além de amostras de outros coletores tombadas nos herbários FURB, HBR e MBM (siglas segundo Brummitt & Powell, 1992). Neste caso, quando as exsicatas não apresentavam número de coletor, foi citado o acrônimo com o número de tombo do herbário respectivo. Espécies determinadas por especialistas e acessíveis nas plataformas digitais, como o REFLORA e o Specieslink, também foram consultadas, sendo estas citadas com acréscimo de "*" ao respectivo acrônimo, além de materiais colecionados pelo IFFSC (Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina) disponíveis no SINFLOR. Descrições evidenciando as principais características distintivas são apresentadas. Para as medidas estabeleceu-se o padrão comprimento x largura, ou ao referir-se a uma única medição diz respeito ao comprimento, exceto quando mencionada a largura. As descrições foram comparadas com bibliografia especializada e ocasionalmente com ela complementada (Landrum 1981, Legrand & Klein 1971, Legrand & Klein 1977a, Legrand & Klein 1978, Sobral 2003, Sobral 2011). A terminologia morfológica segue Sobral (2003) e Gonçalves & Lorenzi (2007), exceto para casca, que segue Ribeiro *et al*. (1999). A descrição taxonômica é seguida de um parágrafo dividido com descrição comparativa e/ou características peculiares, distribuição geográfica, sinonímias usadas no sul do Brasil (e.g. Legrand & Klein 1971, Legrand & Klein 1977a, Legrand & Klein 1978, Sobral 2003, Sobral 2011) e/ou grau de ameaça de extinção.

RESULTADOS

Na região da Babitonga e arredores foram encontradas 36 espécies de Myrtaceae, incluídas em dez gêneros, representando cerca de 19,25% das 187 espécies nativas e naturalizadas registradas para o estado de Santa Catarina (Proença *et al*. 2020). Os gêneros mais representativos são: *Myrcia*, com 14 espécies, e *Eugenia*, com 11 espécies, seguidos de *Myrceugenia, Psidium* e *Syzygium*, com duas espécies, e *Blepharocalyx, Myrciaria, Neomitranthes, Plinia* e *Siphoneugena*, com uma espécie.

Myrtaceae Juss., Gen. Pl. [Jussieu] 322. 1789. *nom. cons.*

Arbustos de 1,5-2m, arvoretas ou árvores de 10-15m alt., com casca desprendendo-se em placas de consistência e formas variadas, deixando superfície lisa de cor branca, cinza, laranja, marrom até vermelha, ou casca áspera, com estrias de forma variável. Plantas glabras ou com tricomas presentes, simples ou dibraquiados, principalmente em folhas e ramos jovens, face abaxial das folhas, inflorescências e flores. Folhas opostas, inteiras, com presença de pontuações translúcidas, às vezes mucronadas. Flores solitárias ou em inflorescências do tipo: glomérulos, fascículos, racemos, panículas axilares ou terminais. Frutos amarelos, avermelhados, ferrugíneos, chegando às vezes até azul muito escuro quando maduros, de forma arredondada, oblonga até oval.

Chave para os gêneros de Myrtaceae no complexo hídrico da baía Babitonga

1 Sementes com testa óssea; estigma peltado ..... *Psidium*

1'Sementes com testa cartáceo-membranácea; estigma puntiforme

2 Flores pentâmeras ..... *Myrcia*

2' Flores tetrâmeras

3 Inflorescências tipo dicásio ..... *Blepharocalyx*

3' Inflorescências de outros tipos (exceto dicásios ocasionais e reduzidos em *Myrceugenia*)

4 Cálice abrindo-se através de caliptra ..... *Neomitranthes*

4'Cálice abrindo-se através de sépalas ou lobos irregulares

5 Cotilédones foliáceos, dobrados, folhas com presença de múcron ..... *Myrceugenia*

5' Cotilédones crassos, não dobrados, folhas sem múcron

6 Panículas ou racemos com botões florais com mais de 8 mm de larg. ..... *Syzygium*

6' Flores solitárias, glomérulos ou fascículos, se em racemos, botões florais com menos de 6 mm de larg.

7 Estames retos no botão floral ..... *Eugenia*

7' Estames curvados no botão floral

8 Ovário evidentemente contraído abaixo das sépalas ..... *Siphoneugena*

8 Ovário sem estreitamento abaixo das sépalas

9 Bractéolas livres, lobos do cálice persistentes no fruto ..... *Plinia*

9' Bractéolas conatas, fruto com cicatriz circular no ápice ..... *Myrciaria*

Blepharocalyx O. Berg, Linnaea 27:412. 1856.

Arbustos até árvores de 30m. Ramos com casca lisa. Inflorescências tipo dicásio axilar 3-7-flores. Flores tetrâmeras; pedúnculos com mais de 10 mm, cálice rompendo-se em lobos ou formando caliptra. Ovário bilocular, com vários óvulos por lóculo; estigma puntiforme. Semente com testa membranácea ou cartilaginosa e cotilédones vestigiais (Landrum 1986, Sobral 2003, Lucas *et al*. 2019). Duas espécies são reconhecidas, distribuídas das Antilhas até o Uruguai (Lucas *et al.* 2019).

Blepharocalyx salicifolius (Kunth) O. Berg, Linnaea 27:413. 1856.

(Figs. 3A, 6A, 10A)

Arvoretas até árvores de 4-8 m alt. Casca de aspecto áspero, desprendendo-se nos ramos jovens e deixando superfície lisa, marrom. Planta glabra, exceto por alguns tricomas esparsos nas folhas. Folhas pouco discolores; pecíolo 1 mm; lâminas elípticas, 24-40 x 18-26 mm; ápice cuspidado até mucronado, base obtuso-arredondada. Inflorescência tipo dicásio axilar, ramificado até três vezes. Flores tetrâmeras; cálice rompendo-se em lobos com glândulas na face abaxial e sépalas ciliadas. Frutos globosos, vermelhos a nigrescentes, 3-4 × 4-5 mm, cobertos por glândulas.

Planta bem característica pela presença de glândulas translúcidas em ambas as faces da folha, inclusive na nervura central da face adaxial, característica não observada nas outras espécies de Myrtaceae da Babitonga. Foi encontrada em área de transição entre a Floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas/Restinga e o Mangue, fato também corroborado por Lima *et al*. (2015) mencionando a espécie para a ilha do Mel no Paraná. Distribui-se na América Latina, em países como: Equador, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai; além do Brasil, no Distrito Federal e nos estados da Bahia e Minas Gerais até o Rio Grande do Sul (Landrum 1986). Espécie polimórfica, tratada por Legrand & Klein (1978) em diferentes espécies e variedades, atualmente sinonimizadas por Landrum (1986), padrão seguido aqui no presente trabalho, apesar de o material diferir consideravelmente no formato da folha quando comparado às coletas de regiões de Floresta Ombrófila Densa Montana e Altomontana.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: Joinville, Sambaqui do Cubatão, IV.2007, F.C.S. Vieira 1909 (JOI); 10.I.2021, F.C.S. Vieira 3229 (JOI); Garuva, Serra Quiriri, próximo da estação meteorológica, 31.I.2009, F.C.S. Vieira 2128 (JOI).

Eugenia L., Sp. Pl. 1:470. 1753.

Arbustos ramificados desde a base até arvoretas de 7-8 m. Ramos com casca áspera, desprendendo-se em placas ou não, raramente um pouco fissuradas, de cor esbranquiçada até cinza. Flores solitárias ou dispostas em inflorescências tipo glomérulo, fascículos ou racemos. Flores tetrâmeras; botões florais com menos de 6 mm de largura, cálice rompendo-se em lobos; estigma puntiforme, estames retos no botão floral. Semente com testa cartilaginosa; cotilédones crassos.

Distribui-se de forma Pantropical com cerca de 1050 espécies nos neotrópicos e mais algumas dezenas na África e ilhas próximas além do sudeste asiático e Pacífico, e 378 ocorrentes no Brasil (Mazine *et al.* 2016). Na Babitonga ocorrem 11 espécies.

Chave para as espécies de *Eugenia* da Babitonga

1 Glândulas translúcidas evidentes, visíveis a olho desarmado nas folhas e frutos ..... *E. stigmatosa*

1' Glândulas translúcidas das folhas evidentes somente quando observadas contra a luz

2 Flores em racemos com brácteas aglomeradas na base, lobos do cálice oblongos

3 Frutos esféricos ..... *E. brasiliensis*

3' Frutos costados

4 Folhas cordadas na base, frutos vermelhos quando maduros ..... *E. uniflora*

4' Folhas atenuadas na base, frutos negros quando maduros..... *E. sulcata*

2' Flores solitárias ou racemos sem brácteas aglomeradas na base

5 Folhas cordadas pela base, cobertas por tricomas alvos ..... *E. catharinensis*

5' Folhas cuneadas, atenuadas ou arredondadas pela base

6 Folhas semi-orbiculares, arbusto exclusivo da Restinga arbustiva, bordo foliar com espessamento amarelado ..... *E. catharinae*

6' Folhas elípticas, arvoretas até árvores ocorrentes em formações arbóreas diversas

7 Pedúnculos e/ou pedicelos evidentes, sempre maiores que 5 mm

8 Lobos do cálice pouco evidentes no botão, tenuemente separados no ápice ..... *E. brevistila*

8' Lobos do cálice evidentes no botão, separados em toda extensão

9 Ápice das folhas longo-acuminado ..... *E. cereja*

9' Ápice das folhas arredondado ou curtamente acuminado ..... *E. astringens*

7' Pedúnculos e/ou pedicelos nulos ou quase, no máximo 2 mm

10 Folhas com 40- 80 mm ..... *E. neotristis*

10' Folhas com 90- 140 mm ..... *E. bacopari*

Eugenia astringens Cambess., Fl. Bras. Merid. 2. 361.

(Figs. 2G, 3B, 6B, 10B)

Arvoreta de 3-8 m de altura, casca áspera, esbranquiçada até cinza, tenuamente fissurada no sentido longitudinal. Planta glabra. Folhas elípticas, pouco discolores, 46-78 x 27-50 mm, ápice arredondado até curtamente acuminado, base cuneada, pecíolo 7-12 mm, levemente sulcado, margem revoluta. Flores solitárias dispostas em fascículos, predominando em ramos desnudos, pedicelos 8-10 mm, botões florais globosos com lobos do cálice evidentes, frutos elíptico-oblongos, 9-14 x 7-11 mm, negros quando maduros.

Arvoreta muito característica pelas folhas elípticas, e flores e frutos geralmente dispostos em ramos sem folhas. Ocorre nas periferias das ilhas, em ambientes de transição entre o mangue e a Terra firme ou Restinga, no Brasil distribui-se desde Pernambuco até Santa Catarina (Sobral 2011). Foi tratada por Legrand & Klein (1969a) como *E. umbelliflora* O. Berg na Flora Ilustrada Catarinense (FIC).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA**:** São Francisco do Sul, ilha das Flores, 26.III.2004, F.C.S. Vieira 265 (JOI); 21.X.2004, F.C.S. Vieira 523 (JOI); 21.X.2004, F.C.S. Vieira 529 (JOI); 10.III.2005, F.C.S. Vieira 896 (JOI); 20.X.2006; ilha Grande, 17.VI.2004, F.C.S. Vieira 354 (JOI, FURB).

Eugenia bacopari D. Legrand, Sellowia 13:317. 1961.

(Figs. 3C, 6C, 10C)

Arvoreta de 4 m alt., casca levemente áspera, com linhas tipo carenas, pouco elevadas e irregulares, esbranquiçada, cinza até marrom, marrom-avermelhada nos ramos terminais bem jovens assim como nas brotações, inclusive nas folhas bem jovens, devido aos tricomas decíduos, também presentes nas flores. Folhas elípticas, compridas, pouco discolores, 90-140 x 30-55 mm, ápice acuminado, base cuneada, pecíolos 4 mm, levemente sulcado. Flores dispostas em glomérulos, predominando em ramos desnudos, pedicelos nulos ou alcançando no máximo 2 mm, botões florais globosos, frutos elíptico-oblongos até arredondados, 14-19 x 12-14 mm.

Planta que se diferencia das outras espécies de *Eugenia* da Babitonga pelas folhas elípticas compridas, podendo ser confundida com *E. brevistila*, no entanto distingue-se pelas flores em glomérulos e a escassez de tricomas. Foi encontrada em pequeno morro de 100 m anm na ilha de São Francisco do Sul (SFS) e em Terras Baixas no Município de Joinville, além de algumas poucas amostras nos estados brasileiros do Paraná e Rio Grande do Sul (Sobral 2003, 2011).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Balneário Enseada, Floresta Ombrófila Densa Submontana; interior de floresta de topo de morro, 01.III.2017, R. R. Völtz 1622 (MBM); Joinville, UNIVILLE, mata da pista de Atletismo, 06.II.2009, F.C.S. Vieira 2133 (JOI); 05.II.2021, F.C.S. Vieira 3280 (JOI).

Eugenia brasiliensis Lam., Encycl. 3:203. 1789.

(Figs. 3D, 6D, 9A, 10D)

Arvoreta de 6-8 m, casca marrom até cinza escura, áspera, com algumas fissuras longitudinais. Tricomas densos nas escamas bracteais, esparsos nas pétalas. Folhas elíptico-obovadas, pouco discolores, 55-110 x 15-37 mm, ápice acuminado, base cuneada, pecíolo 3-7 mm. Flores em racemos com brácteas aglomeradas na base, cujo eixo central continua seu desenvolvimento vegetativo, pedicelos 20 mm, botões florais globosos, sépalas oblongo-deltoideas, pétalas espatuladas, frutos esféricos 20 x 20, negros quando maduros.

Arvoreta bastante ramosa, característica pela casca áspera, folhas amplas geralmente obovadas e frutos esféricos negros. Planta muito cultivada pela população local, sendo sua origem como nativa ou cultivada difícil de afirmar, no entanto Legrand & Klein (1969) relatam sua dispersão pelas Terras Baixas catarinenses. No estado de São Paulo foi considerada como vulnerável (Mamede *et al* 2006).

Figura 3. Padrões de casca**. A.** *Blepharocalyx salicifolius*; **B.** *Eugenia astringens*; **C.** *Eugenia bacopari*; **D.** *Eugenia brasiliensis*; **E.** *Eugenia brevistyla*; **F.** *Eugenia catharinae*; **G.** *Eugenia catharinensis*; **H.** *Eugenia cereja;* **I.** *Eugenia neotristis*; **J.** *Eugenia stigmatosa*; **K.** *Eugenia sulcata*; **L.** *Eugenia uniflora.*

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Araújo de Dentro, 01.X.2007, M. Z. F. 29 (JOI); Joinville, Boa Vista, 12. pelas glândulas translúcidas X.2003, F.C.S. Vieira 74 (JOI).

Eugenia brevistila D. Legrand, Fl. Ilustr. Catarin. MIRT-SUPL: 18. 1977.

(Figs. 3E, 6E, 10E)

Arvoreta de até 8 m, casca áspera cinza até cinza escura, marrom nos ramos jovens. Tricomas esparsos presentes na face abaxial das folhas, mais concentrados na nervura central, densos nos pedicelos, bractéolas e sépalas, esparsos nas pétalas. Folhas elípticas, pouco discolores, 90-157 x 29-60 mm, bordo revoluto, base atenuada até acuminada, pecíolos sulcados, 6-10 mm, flores em racemos curtos, pedicelos 7-18mm, bractéolas deltoideas, sépalas pouco distintas no botão floral aparentando divididas no ápice, sépalas obovado-espatuladas, frutos não vistos.

O material analisado encaixa-se na descrição de Legrand & Klein (1977b) para *E. brevistyla*, tanto na morfologia quanto na preferência de habitats, diferenciando-se de outros materiais que estão na sinonímia proposta por Giaretta *et al*. (2018) pelas folhas maiores e densa cobertura de tricomas nas flores. Na Babitonga foi encontrada preferencialmente em Terras Baixas, no Brasil ocorre desde o estado de São Paulo até Rio Grande do Sul (Sobral 2011). Outros sinônimos importantes são citados por Giaretta (2018): *Calycorectes australis* var. *impressovenosus, Eugenia neoaustralis* var. *impressovenosa* Mattos e *Eugenia neoaustralis* Sobral, e na Flora do Brasil 2020 (Proença *et al.* 2020) é citada sob a sinonímia de *E. tenuipedunculata* Kiaersk*.,* conceito não seguido nesse tratado e outras fontes como o IPNI (2021).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Araújo de Dentro, 01.X.2007, M. Z. F. 04 (JOI); 11.IX.2007, E. K. Ronchi s/nº (JOI 6305); 29.IX.2008, T. G. Fendrich 51 (JOI); Joinville, Pirabeiraba, 28.IX.2021, F.C.S. Vieira 3345 (JOI, SPF).

Eugenia catharinae O. Berg, Fl. Bras. 14(1):259. 1857.

(Figs. 3F, 6F, 10F)

Arbusto até pequena arvoreta de 3 m de altura, casca esbranquiçada até cinza, tenuamente fissurada no sentido longitudinal, bege ou marrom clara nos ramos mais jovens. Planta glabra. Folhas semi-orbiculares, pouco discolores, 16-45 x 14-35 mm, bordo revoluto com espessamento amarelado, base arredondada, ápice levemente emarginado, glândulas translúcidas salientes na face adaxial e côncavas na abaxial. Flores solitárias em ramos desfolhados, de 2-6 reunidas em glomérulos, pedicelos 3 mm, botões florais globosos. Frutos esféricos até pouco oblongos, 2-5 x 2-3 mm, negros quando maduros.

Arbusto de folhas pequenas semi-orbiculares, exclusivo, típico e característico da Restinga voltada para orla marítima, não sendo observado nas ilhas do interior do complexo estuarino. Sua ocorrência nos estados próximos é possível, no entanto é conhecida somente para o estado de Santa Catarina (Legrand & Klein 1969a), apesar de alguns materiais em meio digital (Specieslink) estarem determinados como *E. catharinae*, como na ilha do mel no Paraná, (HUCP 3649), na verdade tratam-se de *E. stigmatosa*, e outros ainda do mesmo estado são *E. catharinensis*. Um material interessante (FURB02467) encaixa-se na descrição de *E. bresolini* D. Legrand (Legrand & Klein 1977b), porém acessamos apenas o material digital e consideraremos aqui um sinônimo até que estudos posteriores esclareçam.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha de São Francisco, 25.X.2003, F.C.S. Vieira 89 (JOI); Praia Grande, 08.XI.2004, G. Casas s/nº, (JOI 659); Ervino, 02.XI.2006, A. L. Gasper 436, (FURB); Parque Estadual do Acaraí, 29.XI.2010, A. Korte 5222 (FURB*, RB*). 09.XII.2011, J. C. F. Melo-Júnior 1112 (JOI); 06.I.2017, R. R. Völtz 1439, (RB*).

Material duvidoso: Brasil, Santa Catarina, São Francisco do Sul, Restinga, 05.IV.2008, L. Sevegnani s/ nº. (FURB 02467).

Eugenia catharinensis D. Legrand, Sellowia 8:73. 1957.

(Figs. 3G, 6G, 9B, 10G)

Arvoretas de 2 até 4 m, casca áspera, esbranquiçada, cinza clara até escura; tricomas marrom claros nos ramos jovens e pecíolos, alvos e densos nos botões florais; folhas ovadas até pouco elípticas, tenuamente discolores em material seco, 34-60 x 20-31 mm, ápice atenuado, base cordada até arredondada, pecíolos quase nulos. Flores solitárias, axilares, pedúnculos 4 mm, botões florais globosos, muito característicos pela densa cobertura de tricomas alvos, frutos oblongos, 9 x 6 mm, vermelho escuros quando maduros.

Arbusto até arvoreta muitas vezes cespitosa, bem caracterizada pelas folhas ciliadas com base cordada, além de uma densa cobertura de tricomas marrom claros nos ramos jovens e pecíolos e alvos nos botões florais e frutos. Ocorre no sub-bosque das florestas secundárias de algumas ilhas de interior na Babitonga, e no Brasil além de Santa Catarina ocorre também no estado do Paraná (Sobral 2011).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha dos Herdeiros, 19.IV.2004, F.C.S. Vieira 305 (JOI, FURB); 20.IX.2004, F.C.S. Vieira 436 (JOI, FURB); 19.III.2005, F.C.S. Vieira 895 (JOI); ilha das Flores, 21.X.2004, F.C.S. Vieira 525 (JOI); Araquari, ilha dos Barcos, 07.X.2004, F.C.S. Vieira 505 (JOI.

Eugenia cereja D. Legrand, Sellowia 13:316. 1961.

(Figs. 3H, 6H, 10H)

Arvoreta até árvore de 8 m, casca esbranquiçada até cinza, áspera, laranja até ferruginosa nos ramos jovens, estes algo achatados até costados. Tricomas ferruginosos presentes nos eixos florais, brácteas, bractéolas e botões florais. Folhas elípticas, 42-75 x 21-30 mm, pouco discolores, margem revoluta, ápice acuminado até longo-acuminado, base cuneada, pecíolo 4-8 mm, glândulas salientes na face abaxial. Flores em racemos cujo eixo continua em crescimento vegetativo, pedicelos 8-10 mm, brácteas 12 mm, deltoide-triangulares, bractéolas 7 mm estreitamente triangulares, botões florais globosos com lobos do cálice evidentes, separados em toda extensão, frutos oblongos 10-17 x 8-14, vermelho escuros quando maduros.

Planta bem caracterizada quando frutificada, apresenta frutos de coloração avermelhada/vinosa muito atrativa para avifauna. Foi mencionada por Vieira & Esemann-Quadros (2005) para a ilha Grande, no entanto o voucher estéril não foi localizado. Na região foi observada em bordas de mata secundária, no Brasil ocorre desde São Paulo até o Rio Grande do Sul (Sobral 2011).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Grande, estéril, F.C.S. Vieira s/nº (JOI, não localizado); Garuva, Monte Crista, rio Três Barras, 20.X.2005, F.C.S. Vieira 1335 (JOI), I.2007, F.C.S. Vieira 1887 (JOI).

Eugenia neotristis Sobral, Napaea 11:36. 1995.

(Figs. 3I, 6I, 9C, 10I)

Arbusto até arvoreta de 3-4 m, casca branco-acinzentada, mais clara nos ramos, marrom nos ramos terminais. Tricomas presentes no hipanto. Glândulas diminutas, salientes na face abaxial das folhas, presentes nas sépalas e pétalas, visíveis com aumento. Folhas elípticas, 40-80 x 15-35 mm, pouco discolores, base atenuada até acuminada, pecíolos 1-3 mm. Flores sésseis, reunidas em glomérulos também com eixos pouco evidentes, sépalas e pétalas visíveis no botão. Frutos elipsoides, +/- 15 x 10 mm, roxo-escuros quando maduros.

Arvoreta pequena até arbusto de caule tortuoso, e folhas elípticas típica de sub-bosque. Planta muito pouco frequente, sendo conhecida apenas de duas coleções pela nossa equipe, uma destas em meio digital (IFFSC, Vibrans *et al.* 2013) oriunda da ilha de SFS e outra na mata da pista de atletismo da UNIVILLE, no Brasil, ocorre no Paraná e Santa Catarina (Sobral 2011). A planta consta na lista de espécies ameaçadas da IUCN na categoria em perigo (Fernandez *et al.* 2020), e sua ocorrência no Campus da UNIVILLE torna-a uma importante área para a conservação da espécie.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Tapera, estéril, A.A. Oliveira 2705 (FURB); Joinville, UNIVILLE, mata da pista de Atletismo, 06.II.2009, F.C.S. Vieira 2132 (JOI, LUSC); 05.II.2021, F.C.S. Vieira 3250 (JOI, LUSC).

Eugenia stigmatosa DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 268 1828.

(Figs. 3J, 6J, 9D, 10J)

Arvoreta de 6-8 m, casca áspera, cinza até cinza escura, planta glabra exceto tricomas esparsos nos botões florais, glândulas translúcidas nas pétalas e sépalas, evidentes a olho desarmado na face abaxial das folhas e frutos. Folhas elíticas até largo-elípticas, 40-64 x 18-39 mm, concolores em material seco, ápice pouco acuminado, base cuneada, bordo revoluto, pecíolos 4-7 mm. Flores reunidas em fascículos, pedicelos 10-20 mm, botões florais turbinados, sépalas triangulares, pétalas orbiculares, frutos oblongos, 11-22 x 10-19 mm vermelhos quando maduros.

Planta muito característica pelas folhas cujas glândulas translúcidas são muito evidentes em ambas as faces das folhas, bem como nos frutos. Nas ilhas tem sido encontrada preferencialmente nas planícies, em terras Baixas e Transição para o Mangue, no Brasil ocorre desde a Bahia até Santa Catarina (Sobral 2011).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha dos Herdeiros, 21.V.2004, F.C.S. Vieira 516 (JOI, FURB); 23.II.2004, F.C.S. Vieira 608 (JOI); 21.X.2004; ilha das Flores, 23.XII.2004, F.C.S. Vieira 623 (JOI**);** 28.II.2005, F.C.S. Vieira 889 (JOI); ilha Grande, 29.X.2004, F.C.S. Vieira 575 (JOI, FURB).

Eugenia sulcata Spring ex Mart., Flora 20:85. 1837.

(Figs. 3J, 6J, 9E, 10K)

Arvoreta de 7-8 m, casca branca até cinza clara, descamando em placas longitudinais papiráceas, marrom clara até avermelhada nos ramos jovens, também descamantes. Planta glabra exceto por tricomas esparsos nas escamas da base da inflorescência. Folhas ovadas até elípticas, 33-57 x 9-28 mm, discolores, verde escuras acima e pálidas abaixo, ápice atenuado, base cuneada, margem revoluta. Flores em racemos que continuam seu desenvolvimento vegetativo, com brácteas aglomeradas na base, pedicelos 14-32 mm, botões florais esféricos até oblongos, par de bractéolas presentes na base do ovário já no botão, sépalas oblongas, pétalas elípticas, frutos costados 7-12 x 7-14 mm.

Planta muito parecida com *E. uniflora*, da qual se distingue pelas folhas mais estreitas, pecíolos maiores, base da folha atenuada e frutos de cor escura. Nas ilhas é frequente nas Terras Baixas em transição para o Mangue, e no Brasil ocorre desde o Espírito Santo até Santa Catarina.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha das Flores, 21.X.2004, F.C.S. Vieira 524 (JOI); 22.I.2005, F.C.S. Vieira 755 (JOI); 20.X.2006, W. S. Mancinelli 363 (JOI); ilha Grande, 29.X.2004, F.C.S. Vieira 568 (JOI, FURB); ilha de

Mandigituba, 04.XI.2004, F.C.S. Vieira, 492 (JOI, FURB, MBM).

Eugenia uniflora L., Sp. Pl. 1:470. 1753.

(Figs. 3K, 6K, 9F, 10L)

Arbusto até arvoreta de 5 m, casca branca áspera, descamando em placas rígidas irregulares, nos ramos jovens avermelhada, planta glabra, folhas elípticas, ovado-elípticas, 33-60 x 18-28 mm, pouco discolores em material herborizado, base cordada, ápice atenuado, bordo levemente revoluto. Flores dispostas em fascículos curtos com brácteas aglomeradas na base, pedicelos 17-35 mm, sépalas oblongas, pétalas tenuamente oblongas, frutos vermelhos quando maduros, octo-costados, 4-8 x 9-20 mm, mais largos que compridos.

Planta muito parecida com *E. sulcata*, da qual se distingue pelas folhas mais largas, base da folha cordada e frutos de cor vermelha. Nas ilhas é frequente nas proximidades das habitações e ocasional nas Terras Baixas em transição para o Mangue, e no Brasil ocorre nos estados do Sul e Sudeste, bem como em países vizinhos (Sobral 2011), sendo amplamente cultivada.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha das Flores, 21.IX.2004, F.C.S. Vieira 440 (JOI); ilha Grande, 01.VII.2004, F.C.S. Vieira 678 (JOI); ilha dos Herdeiros, 28.II.2005, F.C.S. Vieira 887 (JOI); ilha Redonda, 13.X.2008, T. G. Fendrich 70 (JOI); ilha de São Francisco, Praia de Enseada, 18.X.2003, P.R. Milena s/nº (JOI 6008).

Myrceugenia O. Berg, Linnaea 27:131. 1856.

Arbustos ou arvoretas, casca branca, cinza até marrom clara, áspera. Folhas discolores, pecíolos canaliculados na face adaxial, presença de múcron no ápice foliar. Flores tetrâmeras, axilares, 1-2 ou racemos reduzidos e compactados, até dicásios ocasionais e reduzidos; bractéolas dispostas aos pares na base das flores, botões florais globosos, cálice rompendo-se em quatro lobos. Ovário bi ou trilocular. Estigma puntiforme. Sementes com testa membranácea; cotilédones foliáceos, dobrados e empacotados.

Landrum (1981) reconhece 46 espécies, sendo 12 distribuídas nas porções andinas do Chile e Argentina. No Brasil são reconhecidas 34 espécies (Vieira & Meireles 2020), destas duas são encontradas na Babitonga.

Chave para as espécies de *Myrceugenia* da Babitonga

1 Sépalas sem cúculo, folhas sem glândulas visíveis na face abaxial ..... *M. campestris*

1’ Sépalas com cúculo, folhas com glândulas salientes e sarapintadas na face abaxial ..... *M. cucullata*

Myrceugenia campestris (DC.) D. Legrand & Kausel, Comun. Bot. Mus. Hist. Nat. Montevideo 2(28): 12. 1953.

(Figs. 4A, 7A, 11A)

Arbusto de 2 m até arvoreta de 7-8 m, Casca áspera, cinza escura. Tricomas rufescentes nas partes jovens de ramos, folhas e pecíolos, pedúnculos, pedicelos e flores. Folhas discolores, verde escuras acima, claras abaixo, elípticas, mucronadas, 43-60 x 20-22 mm, ápice obtuso até arredondado, base cuneada; pecíolos sulcados na face adaxial, 3 x 1 mm. Flores em minúsculos racemos ou dicásios diminutos; botões florais globosos, pedúnculos 2-6 mm; bractéolas estreitamente oblongas ultrapassando o ápice do botão; sépalas triangulares; pétalas orbiculares 3 x 4 mm, com algumas glândulas; ovário 4 locular.

A planta ocorre nas Terras Baixas desde arbustos até árvores, bem caracterizada pelas inflorescências reduzidas e compactadas, bem como pelas folhas com ápice mucronado. Ocorre de São Paulo ao Rio Grande do Sul (Landrum 1981).

Material selecionado: BRASIL, SANTA CATARINA: Joinville, Sambaqui do Cubatão, 16.VIII.2004, F.C.S. Vieira 423 (JOI).

Myrceugenia cucullata D. Legrand, Darwiniana 11: 347. 1957.

(Figs. 4B, 7B, 11B)

Arbusto cespitoso, densamente ramificado desde a base; casca cinza esbranquiçada até algo marrom nos ramos jovens; tricomas esparsos nos ramos jovens terminais, pedúnculos e flores; folhas elípticas até estreitamente elípticas, variando de verde até verde-escuras acima e mais claras abaixo, 33-60 x 12-18 mm, ápice agudo-mucronado, base aguda, coberta por glândulas salientes na face abaxial e estruturas sarapintadas; pecíolos 2-4mm. Flores solitárias com pedúnculos curtos ou nulos, sépalas com estrutura em forma de capuz no ápice (cúculo). Frutos esféricos até pouco oblongos, 6-7 x 4-5 mm, negros quando maduros.

Arbusto cespitoso muito característico pelos diversos caules ramificados a partir do solo, pela casca branca até acinzentada, pelas estruturas em forma de capuz no ápice dos lobos calicinais (cúculos) e pelas glândulas translúcidas salientes na face abaxial bem como as estruturas sarapintadas que apresentam uma configuração característica. Ocorre nos estados do Sul do Brasil (Sobral 2003), geralmente em pequenas encostas e declives. Na FIC foi tratada por

Figura 4. Padrões de casca. **A.** *Myrceugenia campestris*; **B.** *Myrceugenia cucullata*; **C.** *Myrcia amazonica*; **D.** *Myrcia brasiliensis*; **E.** *Myrcia eugeniopsoides*; **F.** *Myrcia ilheosensis*; **G.** *Myrcia multiflora*; **H.** *Myrcia neorubella*; **I.** *Myrcia palustris*; **J.** *Myrcia pubipetala*; **K.** *Myrcia racemosa;* **L.** *Myrcia reitzii*.

Legrand & Klein (1970) como *Myrceugenia estrellensis* (O. Berg) D. Legrand & Kausel.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Morro da Cruz, I.2015, M. L. Brotto 1935 (MBM, JOI, RB, SP, NY); Joinville, Morro da Tromba, 23.II.2006, F.C.S. Vieira 1649 (JOI); 23.II.2006, F.C.S. Vieira 1651 (JOI); Morro Jurapê, 16.I.2006, F.C.S. Vieira 1481 (JOI); Serra Queimada, 30.IX.2010, W. S. Mancinelli 1300 (JOI).

Myrcia DC., Dict. Class. Hist. Nat. 11:406. 1827.

Arbustos, arvoretas até árvores de mais de 10m, casca esbranquiçada, cinza, laranja até marrom escura, descamando em placas irregulares, papiráceas, cartáceas até lenhosas, deixando superfície lisa ou áspera, muitas vezes apresentando coloração avermelhada nas camadas internas. Inflorescências tipo panícula, de 3 até 30 flores. Flores pentâmeras, cálice rompendo-se em lobos regulares, irregulares ou modificado em caliptra. Ovário bilocular ou trilocular. Estigma puntiforme. Semente com testa cartáceo-membranácea; cotilédones foliáceos, dobrados e empacotados.

Gênero exclusivo do Neotrópico, com um total estimado de 800-850 espécies, e riqueza elevada na Mata Atlântica, além do Cerrado (Lucas *et al*. 2018). Na Babitonga foram encontradas 14 espécies.

Chave para as espécies de *Myrcia* da Babitonga

1 Cálice caliptriforme ou abrindo-se em lobos irregulares, decíduo

2 Folhas com tricomas alvos até beges na face abaxial; e eixos das inflorescências ..... *M. strigosa*

2’ Folhas com tricomas marrons ou avermelhados na face abaxial, e eixos das inflorescências

3 Folhas com menos de 65 mm, cálice abrindo-se em caliptra ..... *M. neorubella*

3’ Folhas com mais de 80 mm, cálice abrindo-se em lobos irregulares

4 Pecíolo com até 5 mm, botão floral fechado no ápice ..... *M. eugeniopsoides*

4’ Pecíolo com até 10-15 mm, botão floral com pequena abertura no ápice ..... *M. reitzii*

1’ Cálice com lobos distintos, persistente, rompendo-se em lóbulos de tamanho e formato regular

5 Ápice das folhas longo-acuminado

6 Folhas elípticas até obovadas, frutos esféricos..... *M. racemosa*

6’ Folhas lanceolado-ovadas, frutos oblongos..... *M. splendens*

5’ Ápice das folhas brevemente acuminado ou arredondado

7 Tecas das anteras dispostas obliquamente, disco floral piloso

8 Folhas com até 35 mm ..... *M. palustris*

8’ Folhas com mais de 40 mm

9 Folhas membranáceas até um pouco cartáceas..... *M. tijucensis*

9’ Folhas cartáceas até coriáceas

10 Ápice foliar brevemente acuminado até arredondado, frutos lisos ..... *M. brasiliensis*

10’ Ápice foliar arredondado até retuso, frutos costados ..... *M. ilheosensis*

7’ Tecas das anteras dispostas paralelamente, disco floral glabro

11. Folhas com evidente reticulação formada pelas nervuras terciárias na face abaxial ..... *M. pubipetala*

11’. Folhas sem reticulação formada pelas nervuras terciárias na face abaxial

12. Face abaxial foliar com mais de 10 pares de nervuras secundárias inconspícuas ..... *M. multiflora*

12’. Face abaxial foliar com menos de 8 pares de nervuras secundárias promínulas

13. Casca avermelhada descamando em lâminas papiráceas, pecíolos 2-4 mm ..... *M. amazonica*

13’ Casca marrom descamando em placas cartáceo-lenhosas, pecíolos 0-2 mm..... *M. selloi*

Myrcia amazonica DC., Prodr. 3: 250. 1828.

(Figs. 4C, 11C)

Arvoreta 3-6 m de casca avermelhada descamando em placas papiráceas irregulares, ramos jovens avermelhados com superfície lisa. Planta glabra exceto tricomas esparsos nos pecíolos e eixos das inflorescências, mais densos nas brotações vegetativas. Folhas elípticas, 34-45 x 17-25 mm, discolores, marrom escuras acima e marrom clara abaixo em material seco, face abaxial com menos de 8 nervuras secundárias promínulas, ápice brevemente acuminado, base cuneada, bordo revoluto, pecíolos 2-4 mm, glândulas visíveis sob aumento na face abaxial. Flores dispostas em panículas multifloras, disco floral glabro, cálice com lobos distintos, tecas das anteras dispostas paralelamente. Frutos negros quando maduros 4-5 x 4-6 mm.

Arvoreta muito característica pela casca descamante em placas papiráceas irregulares de cor marrom avermelhada. Foi observada em ambientes com solo arenoso nas Terras Baixas, porém não encontrada nas ilhas, exceto por material do IFFSC (Unidade Amostral 1031, SINFLOR) para a ilha de SFS. A espécie é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo na maioria dos estados (Lucas *et al.* 2016). Na FIC foi tratada por Legrand & Klein (1969b) como *M. leptoclada* DC.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, bairro Tapera, 03.XI.2015, estéril, I.2015, A. A. Oliveira 2707 (FURB); Itapoá, Samambaial, 01.XII.2004, F.C.S. Vieira 582 (JOI). PARANÁ: Tijucas do Sul, Tabatinga, 01.XII.1964, G.G. Hatschbach 11917 (UPCB).

Myrcia brasiliensis Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 102. 1893.

(Figs. 4D, 7C, 11D)

Árvore de 6-10 m, casca áspera, descamando em placas papiráceas longitudinais marrons nos ramos jovens, estes um tanto achatados até quadrangulares. Tricomas presentes nas brotações, pecíolos, folhas jovens, eixos das inflorescências, hipanto, sépalas e pétalas. Folhas elípticas, 42-105 x 22-35 mm, pouco discolores, ápice brevemente acuminado até arredondado, base cuneada, pecíolo 4-7 mm. Flores dispostas em panículas multifloras, disco floral piloso, cálice com lobos distintos, triangulares até arredondados, mais largos que compridos, pétalas espatulado-orbiculares, cobertas por glândulas, tecas das anteras dispostas obliquamente. Frutos lisos, esféricos, imaturos 4-5 x 6-7 mm.

Bem caracterizada pelo porte e pelas inflorescências em panículas, bem como pelos frutos, os quais são lisos e a distinguem de *Myrcia ilheosensis*, com a qual pode ser confundida e que possui frutos costados, folhas mais amplas e porte menor. Espécie arbórea comum nas Terras Baixas da região. No Brasil ocorre desde a Bahia até o Rio Grande do Sul (Amorim 2017). Na FIC foi mencionada por Legrand & Klein (1967) como *Gomidesia schaueriana* O. Berg.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha das Flores, 23.XI.2004, F.C.S. Vieira 617 (JOI); 23.XI.2004, F.C.S. Vieira 621 (JOI); 22.I.2005, F.C.S. Vieira 753 (JOI).; Joinville, Sambaqui Guaíra, 24.XII.2003, F.C.S. Vieira 177 (JOI).

Myrcia eugeniopsoides (D. Legrand & Kausel) Mazine, Phytotaxa 173(1): 98 2014.

(Figs. 4E, 7D, 11E)

Arbusto até arvoreta de 2-5 m, geralmente ramificada na base, ramos pendentes, casca áspera cinza escura, tricomas marrom-avermelhados esparsos na face abaxial das folhas, mais densos nos pecíolos, ramos terminais, brotações, inflorescências e botões florais. Folhas elípticas, 85-160 x 32-49 mm, discolores, marrom até verde-oliváceas acima, ocre até verde claro abaixo, ápice acuminado, base cuneada, pecíolo 3-5 mm. Flores em panículas reduzidas, trifloridas ou cada eixo terminal repetindo o padrão trifloro, cálice modificado em caliptra no botão, abrindo-se de forma irregular, hipanto e eixo floríferos cobertos por glândulas. Frutos esféricos 9-20 mm.

Arbusto até arvoreta de ramos pendentes, muito semelhante a *Myrcia reitzii*, diferenciando-se principalmente pelo comprimento do pecíolo e o cálice caliptriforme que abre-se em lobos irregulares (Legrand & Klein 1971b, Sobral 2003). Ocorre no sub-bosque do interior das florestas, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na FIC foi tratada por Legrand & Klein (1971b) como *Calyptranthes eugeniopsoides* D. Legrand & Kausel e por Sobral (2003) como *Marlierea eugeniopsoides* (D. Legrand & Kausel) D. Legrand.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: Araquari, ilha dos Barcos, 14.IV.2005, A. Bächtold 179 (JOI); Garuva, Rio do Cristo, 20.I.2006, F.C.S. Vieira 1585 (JOI). Joinville, Morro do Finder, 20.I.2007, F.C.S. Vieira 1889 (JOI); Jardim Franciele, 10.I.2021, F.C.S. Vieira 3233 (JOI).

Myrcia ilheosensis Kiaersk., Enum. Myrt. Bras. 109. 1893.

(Figs. 4F, 7E, 11F)

Arvoreta de 3-5 m, casca áspera, marrom, levemente fissurada longitudinalmente, cinza-esbranquiçada até marrom nos ramos, estes robustos, deixando superfície lisa, marrom, ramos jovens algo quadrangulares até achatados. Tricomas esparsos na face abaxial das folhas, densos nos ramos jovens, pecíolos, eixos das inflorescências, hipanto, sépalas e face externa das pétalas. Folhas largo-

elípticas até obovadas, 40-80 x 19-49 mm, discolores, ápice arredondado até retuso, base cuneada até oblíqua, bordo revoluto, pecíolo 2-4 mm. Flores dispostas em panículas multifloras, disco floral piloso, lobos do cálice distintos, triangulares até arredondados, mais largos que compridos, pétalas orbiculares, cobertas por glândulas, tecas das anteras dispostas obliquamente. Frutos esféricos, tenuamente costados, imaturos medem 3-4 x 3-5 mm.

Planta muito característica pelas folhas largo-elípticas, de ápice predominantemente arredondado, e pelos frutos costados, os quais a distinguem de *Myrcia brasiliensis*, que possui folhas mais estreitas, acuminadas e frutos lisos. Típica das áreas periféricas/bordas de floresta, especialmente Restinga ou ambientes costeiros com solo arenoso, ocorre desde o estado de Sergipe até o Rio Grande do Sul (Amorim 2017). Na FIC foi tratada como *Gomidesia fenzliana* O. Berg (Legrand & Klein 1967).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: Araquari, ilha dos Papagaios, 27.II.2005, D.B.G. Bussmann 62 (JOI); 10.V.2004, D. Minatti 06 (JOI); Pontal do Paraná, Rio Guaraguaçú, Sambaqui, 02.III.2011, J. M. Silva, L. A. Martin, L. G. Temponi 7733 (JOI, MBM).

Myrcia multiflora DC., Prodr. 3:244. 1828.

(Figs. 4G, 7F, 11G)

Arbusto até arvoreta de 8 m de altura, casca descamante em placas cartáceas de cor cinza escura, marrom até verde, deixando superfície lisa de cor marrom clara até esbranquiçada. Planta glabra, exceto por alguns tricomas esparsos nos eixos da inflorescência. Folhas elípticas, 25-49 x 11-26 mm, discolores, verde acinzentadas acima, verde claras abaixo, face abaxial com mais de 10 pares de nervuras secundárias inconspícuas, ápice foliar brevemente acuminado, bordo revoluto principalmente junto ao pecíolo, este com 1-3 mm. Botões florais pequenos, disco floral glabro, cálice com lobos distintos, flores reunidas em panículas multifloras, sépalas mais largas que compridas, pétalas espatulado-orbiculares, tecas das anteras dispostas paralelamente. Frutos esféricos, 6-8 x 6-8 mm.

Muito característica pela casca descamante em placas cartáceas, deixando superfície lisa, variando em cor desde cinza clara, verde até marrom, e pelas folhas com numerosas nervuras secundárias paralelas e base fortemente revoluta. Na região da Babitonga a planta é típica da transição entre o mangue e as Terras Baixas onde a maré raramente alcança. A espécie é amplamente distribuída no Brasil, ocorrendo na maioria dos estados (Lucas *et al.* 2016).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: Joinville, Sambaqui do Cubatão, 26.XII.2007, F.C.S. Vieira 2053 (JOI, BHCB); 10.I.2021, F.C.S. Vieira 3230 (JOI).

Myrcia neorubella A. R. Lourenço & E. Lucas, Phytotaxa 433:251. 2020.

(Figs. 4H, 7G, 11H)

Arvoreta até árvore de 8-10 m, casca cinza áspera desprendendo-se nos ramos jovens em placas papiráceas, deixando superfície lisa avermelhada até marrom, áspera e desprendendo-se me placas irregulares lenhosas no tronco; tricomas marrom claro até marrom cobrindo a face abaxial das folhas, botões florais e bractéolas, mais longos e densos nos eixos das inflorescências. Folhas elípticas até elíptico obovadas 30-65 x 15-37 mm, pecíolos até 4 mm, base atenuada até cuneada, ápice arredondado até cuneado. Flores em panículas cujo eixo primário é encurvado e coberto por tricomas característicos, e é maior que as folhas dos nós próximos, estes ramificando na maioria em outros três eixos, cada um com três flores; bractéolas elípticas alcançando a metade do botão floral; cálice modificado em caliptra; frutos esféricos, 3-4 x 4-6 mm, marrons, com hipanto elevado e cicatriz circular no ápice.

Muito característica pela inflorescência com eixo primário encurvado, coberto por tricomas e maior que as folhas dos nós próximos, pode ser confundida com *Myrcia glomerata* (Cambessèdes) G. Burton & E. Lucas, mas distingue-se pelas características mencionadas. Espécie típica das Terras Baixas, ocorrendo na transição para o Mangue, no Brasil segundo Lourenço *et al.* (2020), ocorre nas planícies quaternárias desde São Paulo até o Rio Grande do Sul. Na FIC foi mencionada por Legrand & Klein (1971b) como *Calyptranthes rubella* (O. Berg) D. Legrand.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha de São Francisco, 03.XI.2015, estéril, A. A. Oliveira 2703 (FURB); Joinville, Sambaqui do Cubatão, 09.IV.2007, F.C.S. Vieira 1882 (JOI); 20.IV.2007, F.C.S. Vieira 1893 (JOI); VII.2007, F.C.S. Vieira 1908 (JOI); 10.I.2021, F.C.S. Vieira 3227 (JOI).

Myrcia palustris DC., Prodr. 3:246. 1828.

(Figs. 4I, 7H, 11I)

Arbusto até pequena arvoreta de 3 m, casca cinza escura nos ramos, pouco fissurada longitudinalmente. Tricomas marrons presentes nos ramos jovens, inflorescências, folhas jovens e flores, mais claros nas folhas mais antigas. Folhas elípticas, 22-35 x 10-15 mm, discolores, marrons até cinza na face superior, marrom claras na inferior, ápice arredondado, margem revoluta, nervuras secundárias predominantemente em ângulo próximo aos 45°. Flores em panículas multifloras, botões florais globosos, disco floral piloso, cálice com lobos distintos, tecas das anteras dispostas obliquamente, frutos esféricos, 3-4 x 4-5 mm, negros quando maduros.

Arbusto característico pelas folhas pequenas, revolutas e com nervuras secundárias em ângulos de aproximadamente 45°. Na Babitonga ocorre próxima de ambientes lacustres e bordas de mata como planta pioneira, no Brasil ocorre desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul (Amorim 2017).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha de São Francisco, Parque estadual do Acaraí, 29.I.2006, J. C. F. Melo-Júnior 1113 (JOI); s/d, J. C. F. Melo-Júnior 1132 (JOI); Vila da Glória, CEPA, 23.II.2004, F.C.S. Vieira 219 (JOI); 29.I.2006, J. Z. Berger 295 (JOI). Itapoá, rio Saí Guaçu, 23.II.2011, J.M. Silva 7718 (JOI); 31.I.2021, F.C.S. Vieira 3243 (JOI).

Myrcia pubipetala Miq., Linnaea 19:441. 1846.

(Figs. 4J, 7I, 11J)

Arvoreta até árvore de 10-15 m, casca branca até cinza clara, áspera, descamando em pequenas placas lenhosas, longitudinais, com interior vermelho, cinza escura nos ramos. Tricomas esparsos na face abaxial das folhas, mais densos nos pecíolos, ramos terminais, eixos das inflorescências e frutos. Folhas elípticas, 90-130 x 44-53 mm, pouco discolores, ápice acuminado, base cuneada até atenuada, nervuras secundárias e terciárias proeminentes em ambas as faces, formando reticulação característica com uma glândula por retículo, pecíolos 13-15 mm. Flores dispostas em panículas multifloras, disco floral glabro, cálice com lobos distintos, tecas das anteras dispostas paralelamente. Frutos elipsoides, costados, 6 x 4 mm.

Arvoreta até árvore alta de interior florestal, comumente alcançando o dossel, caracterizada pelas folhas com densa reticulação formada pelas nervuras terciárias. Foi mencionada por Vieira & Esemann-Quadros (2005) para a ilha Grande e, apesar do voucher estéril não ter sido localizado, a espécie foi colecionada pela equipe do IFFSC para a ilha de SFS (UA 1031, SINFLOR), ocorre desde São Paulo até Santa Catarina (Sobral 2011).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Grande, estéril, F.C.S. Vieira s/nº (JOI, não localizado); Gibraltar, 20.II.2021, F.C.S. Vieira 3275 (JOI); Garuva, Monte Crista, rio do Cristo, 20.IV.2006, F.C.S. Vieira 1773 (JOI).

Myrcia racemosa (O. Berg) Kiaersk., Enum. Myrt. Bras. 72. 1893.

(Figs. 4K, 7J, 11K)

Arvoreta de 5-7 m, casca avermelhada, descamando em lâminas papiráceas, tricomas alvos, esparsos na face abaxial das folhas, mais densos sobre a nervura central em ambas as faces, folhas jovens, ramos terminais, eixo das inflorescências, flores e frutos. Folhas elípticas até levemente obovadas, 50-10 x 20-35 mm, ápice longamente acuminado, base cuneada, pecíolos 4-6 mm. Flores com botões florais pequenos, dispostas em panículas multifloras, cálice com lobos distintos. Frutos esféricos, 4-5 x 5 mm, esbranquiçados, cobertos por tricomas.

Arvoreta muito característica pelos tricomas alvos dispersos pela planta, pelas folhas de ápice longamente acuminado e pela casca de coloração avermelhada descamando em lâminas papiráceas. Típica das Terras Baixas na região da Babitonga, ocorre também em solos arenosos, no Brasil ocorre desde a Bahia até Santa Catarina (Lucas *et al.* 2016). Foi citada por Souza (2007) como *Myrcia acuminatissima* O. Berg.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: Araquari, ilha dos Barcos, 14.IV.2005, A. Bächtold 189 (JOI); Moto Bombas, 22.I.2008, M. Weiers 10 (JOI).

Myrcia reitzii (D. Legrand) Mazine, Phytotaxa 173:98. 2014.

(Figs. 4L, 7K, 11L)

Arbusto até arvoreta de 2-5 m, casca áspera, cinza clara até esbranquiçada, tricomas alvos na nervura central da face adaxial de algumas folhas, marrom claros nos pecíolos e nos eixos das inflorescências, ramos com glândulas na casca dos últimos internós, na face abaxial das folhas aparecem como pontos negros. Folhas elípticas, 89-130 x 28-39 mm, discolores, marrons até verde-oliváceas acima, verde-claras abaixo, ápice longamente acuminado, base cuneada, pecíolos 10-15 mm. Flores em panículas, trifloridas ou cada eixo terminal repetindo o padrão trifloro, botão floral fechado, glanduloso, com pequena abertura no ápice, abrindo-se de forma irregular. Frutos esféricos 17x18 mm, negros quando maduros.

Espécie muito característica pelos ramos com glândulas na casca dos últimos internós, sendo que na face abaxial das folhas aparecem como pontos negros, muito semelhantes a *Myrcia eugeniopsoides*, da qual se distingue principalmente pelo pecíolo maior e pelo cálice com sépalas indistintas, quase fechadas com uma pequena abertura no ápice, enquanto em *M. eugeniopsoides* são caliptriformes. Na região da Babitonga tem sido encontrada nas Terras Baixas com solo arenoso, no Brasil ocorre desde São Paulo até Santa Catarina (Mazine *et al.* 2014). Na FIC foi mencionada por Legrand & Klein (1971a) como *Marlierea reitzii* D. Legrand.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha de São Francisco, Parque estadual do Acaraí, s/d, J.C.F. Melo-Júnior 1162 (JOI); Itapoá, Reserva Volta Velha, J. Z. Berger 450 (JOI); 27.VII.2020, F.C.S. Vieira 3039 (JOI).

Myrcia selloi (Spreng.) N.Silveira, Loefgrenia 89:5. 1986.

(Figs. 5A, 7L, 12A)

Arbusto até arvoreta 2-3 m, casca marrom descamando em placas cartáceo-lenhosas deixando superfície verde, branca até cinza e áspera nos ramos e marrom lisa nos ramos jovens. Planta glabra, com glândulas esparsas nos ramos terminais. Folhas concolores, elípticas até ovadas, 23-52 x 12-28 mm, face abaxial com menos de 8 nervuras secundárias promínulas, ápice brevemente acuminado, base cuneada até levemente arredondada, pecíolos nulos ou até 2 mm. Flores em panículas multifloras, disco floral glabro, cálice com lobos distintos, tecas das anteras dispostas paralelamente. Frutos 8-10mm.

Arbusto até pequena árvore com casca descamando em placas cartáceas de cor marrom deixando superfície lisa, esverdeada e inflorescências com eixos secundários finíssimos. Na região da Babitonga a planta é típica da transição entre o mangue e as Terras Baixas. A espécie é amplamente distribuída, ocorrendo nos estados do Piauí, Maranhão, Bahia além do Sudeste e Sul do Brasil (Lannoy *et al.* 2019). Na FIC foi mencionada por Legrand & Klein (1969b) como *Myrcia ramulosa*, *M. laruotteana* e *M. lajeana*, todos binômios considerados atualmente sinônimos por Lannoy *et al.* (2019), proposta que é adotada no presente trabalho.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Vila da Glória, CEPA, 07.XII.2003, F.C.S. Vieira 169 (JOI); Joinville, Sambaqui do Cubatão, 20.X.2006, F.C.S. Vieira 1857 (JOI); II.2007, F.C.S. Vieira 1896 (JOI).

Myrcia splendens (Sw.) DC., Prodr. 3:244. 1828.

(Figs. 2H, 5B, 8A, 12B)

Arvoretas até árvores de 10 m, casca áspera cinza até marrom clara, superfície interna avermelhada. Tricomas presentes nos pecíolos, brotações, eixo das inflorescências e flores. Folhas lanceolado-ovadas, 47-125 x 11-19 mm, ápice longo-acuminado; base cuneada, pecíolos de 2-5 mm. Botões florais globosos, 3 x 2 mm; cálice com lobos distintos, triangulares; frutos oblongos, 4-9 x 3-5 mm, azul-escuros quando maduros.

Espécie muito característica pelas folhas lanceolado-ovadas, de ápice longo-acuminado até rostrado. Ocorre nas Terras Baixas das ilhas bem como nas Florestas das pequenas elevações, é amplamente distribuída nos neotrópicos, desde o México até o Sul do Brasil (Legrand & Klein 1969b, Sobral 2003). Na FIC foi tratada por Legrand & Klein 1969b) como *Myrcia rostrata* DC. e por Sobral (2003) como *M. fallax* (Rich.) DC.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha da Rita, 06.X.2012, J. Meireles 824 (JOI); Joinville, Morro do Finder, 14.XI.2006, F.C.S. Vieira 1871 (JOI).

Myrcia strigosa A.R.Lourenço & E.Lucas, Phytotaxa 373:82. 2018.

(Figs. 5C, 8B, C, 9H, 12C)

Arvoreta até árvore de 6-10 m; casca descamando em placas cartáceas irregulares, deixando superfície lisa branca, esverdeada até cinza clara, descamante também nos ramos jovens, ramificação dicotômica bem característica. Tricomas alvos até bege presentes principalmente na face abaxial das folhas junto a nervura central, pecíolos, ramos terminais, eixos das inflorescências e flores. Folhas elípticas, 95-160 x 30-45 mm, concolores, ápice tenuamente acuminado, base cuneada, pecíolos 3-5 mm. Flores sésseis aglomeradas nos eixos terminais de panículas, cálice modificado em caliptra. Frutos não vistos.

Árvore com tricomas alvos até bege, muito chamativos nos ramos jovens, face abaxial das folhas e eixos das inflorescências, bem como pela casca clara, cinza ou esverdeada lisa após a queda das placas irregulares e ramificação dicotômica característica. Na Babitonga ocorre nas Terras Baixas e locais de relevo suave, e no Brasil desde o Espírito Santo até Santa Catarina (Lourenço *et al.* (2020). Foi tratada na FIC por Legrand & Klein (1971b) como *Calyptranthes strigipes* O. Berg.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha dos Herdeiros, 24.IV.2004, F.C.S. Vieira 330 (JOI, FURB); Joinville, estrada Piraí, 28.XI.2000, E. Dias 128 (JOI); Morro do Finder, 05.VI.2007, F.C.S. Vieira 1925 (JOI).

Myrcia tijucensis Kiaersk., Enum. Myrt. Bras.: 102. 1893.

(Figs. 5D, 8D, 12D)

Árvore de 6-10 m, casca cinza, escamosa até reticulada, cinza clara nos ramos, estes roliços, pouco lisa com algumas fissuras, mais escuras nos ramos terminais, estes levemente achatados; planta glabra, exceto por tricomas esparsos nas sépalas e brotações. Folhas elípticas 40-58 x 16-21 mm, discolores, quando secas a marrom-escuras acima e marrom-claras abaixo, membranáceas até um pouco cartáceas; ápice atenuado até brevemente acuminado; base cuneada; pecíolos 3-5 mm. Botões florais globosos até turbinados, 2 x 2 mm; disco floral piloso, cálice com lobos distintos, hipanto mais claro que as sépalas; inflorescências em panículas de 5-11 flores, tecas das anteras dispostas obliquamente. Frutos não vistos.

Característica pelo seu tronco reto e cilíndrico, e como árvore de interior florestal, não observada pela nossa equipe nas ilhas do interior da Babitonga, exceto na ilha de SFS. Ocorre do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul

Figura 5. Padrões de casca. **A.** *Myrcia selloi*; **B.** *Myrcia splendens*; **C.** *Myrcia strigosa*; **D.** *Myrcia tijucensis*; **E.** *Myrciaria floribunda*; **F.** *Neomitranthes glomerata*; **G.** *Plinia peruviana*; **H.** *Psidium cattleyanum*; **I.** *Psidium guajava*; **J.** *Siphoneugena guilfoyleiana*; **K.** *Syzygium cumini*; **L.** *Syzygium jambos*.

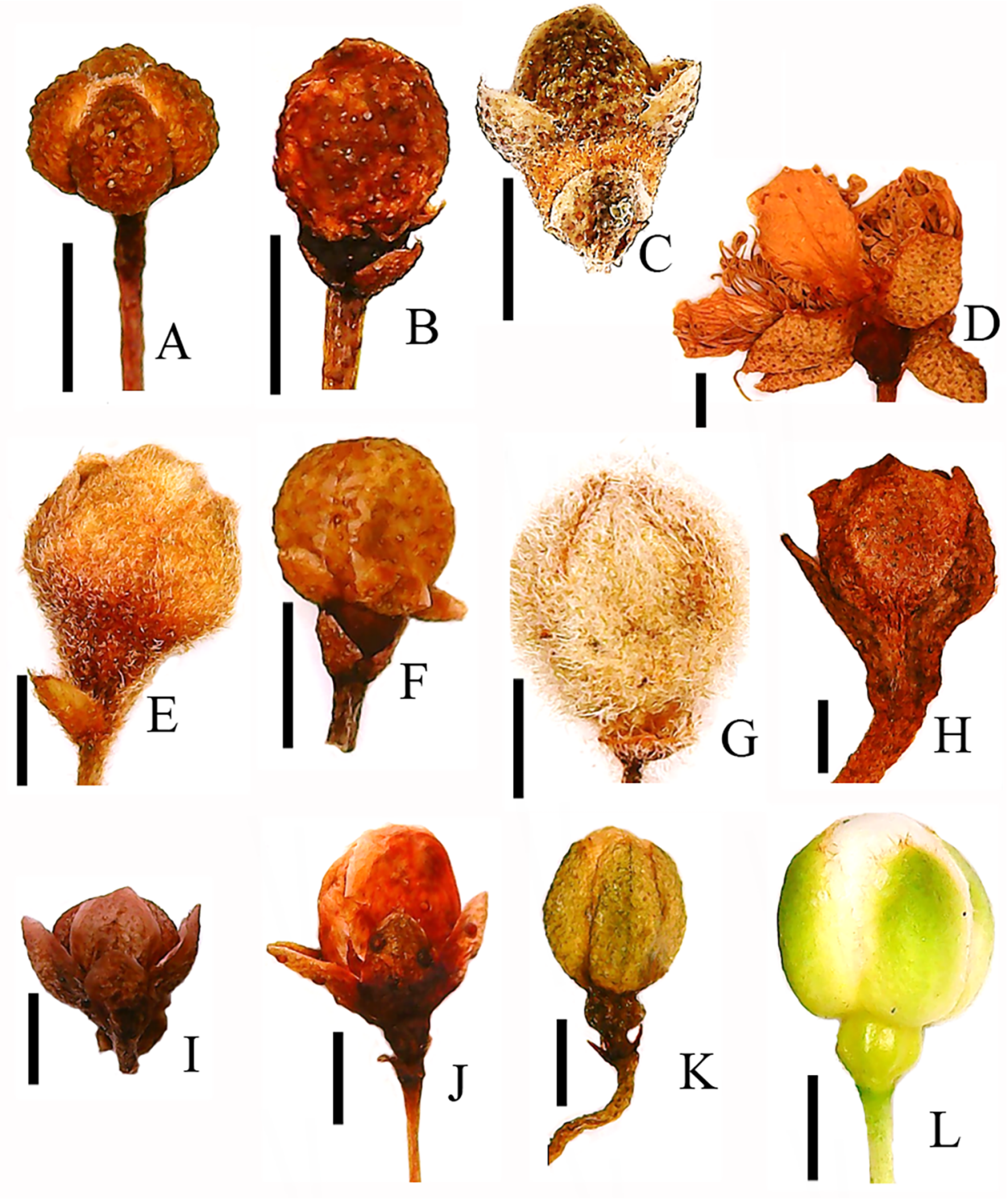

Figura 6. Botões florais**. A.** *Blepharocalyx salicifolius* (F.C.S. Vieira 3229); **B.** *Eugenia astringens* (F.C.S. Vieira 896); **C.** *Eugenia bacopari* (F.C.S. Vieira 3280); **D.** *Eugenia brasiliensis* (F.C.S. Vieira 84); **E.** *Eugenia brevistyla* (T. G. Fredich 71); **F.** *Eugenia catharinae* (J. C. F. Melo-Júnior 1112); **G.** *Eugenia catharinensis* (Hering-Rinnert 470); **H.** *Eugenia cereja* (F.C.S. Vieira 1335); **I.** *Eugenia neotristis* (F.C.S. Vieira 3250); **J.** *Eugenia stigmatosa* (G. Casas 26); **K.** *Eugenia sulcata* (T. G. Fredich 101); **L.** *Eugenia uniflora* (F.C.S. Vieira 3280). Barras = 2mm.

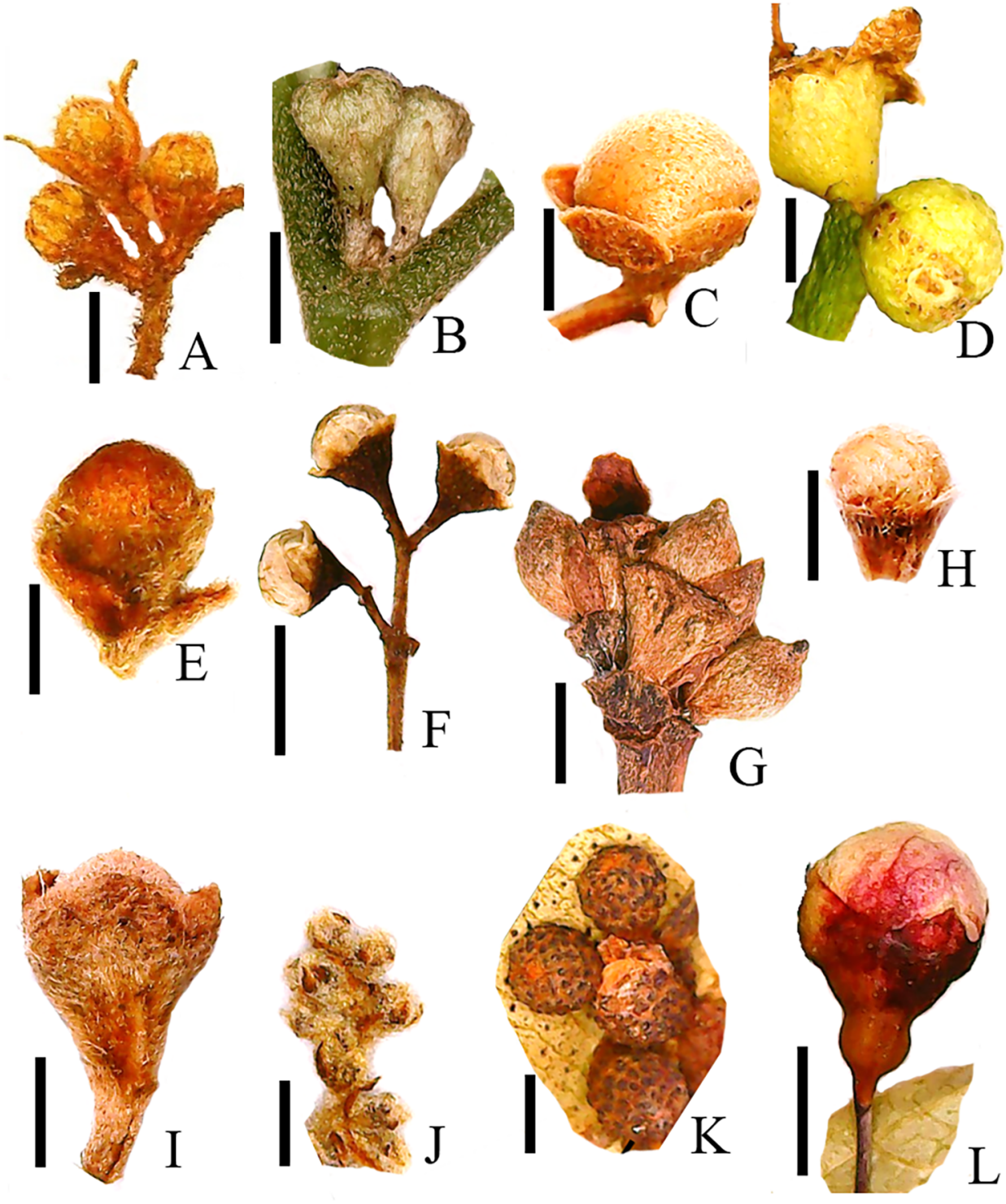

Figura 7. Botões florais. **A.** *Myrceugenia campestris* (F.C.S. Vieira 423); **B.** *Myrceugenia cucullata* (F.C.S. Vieira 1649); **C.** *Myrcia brasiliensis* (F.C.S. Vieira 753); **D.** *Myrcia eugeniopsoides* (F.C.S. Vieira 3233); **E.** *Myrcia ilheosensis* (D. Bussmann 62); **F.** *Myrcia multiflora* (F.C.S. Vieira 3230); **G.** *Myrcia neorubella* (F. C. S.Vieira 3227); **H.** *Myrcia palustris* (F.C.S. Vieira 3280); **I:** *Myrcia pubipetala* (F.C.S. Vieira 3275); **J.** *Myrcia racemosa* (M. Weiers 10); **K.** *Myrcia reitzii* (J.Z. Berger 450); **L.** *Myrcia selloi* (F.C.S. Vieira 1859). Barras = 2mm.

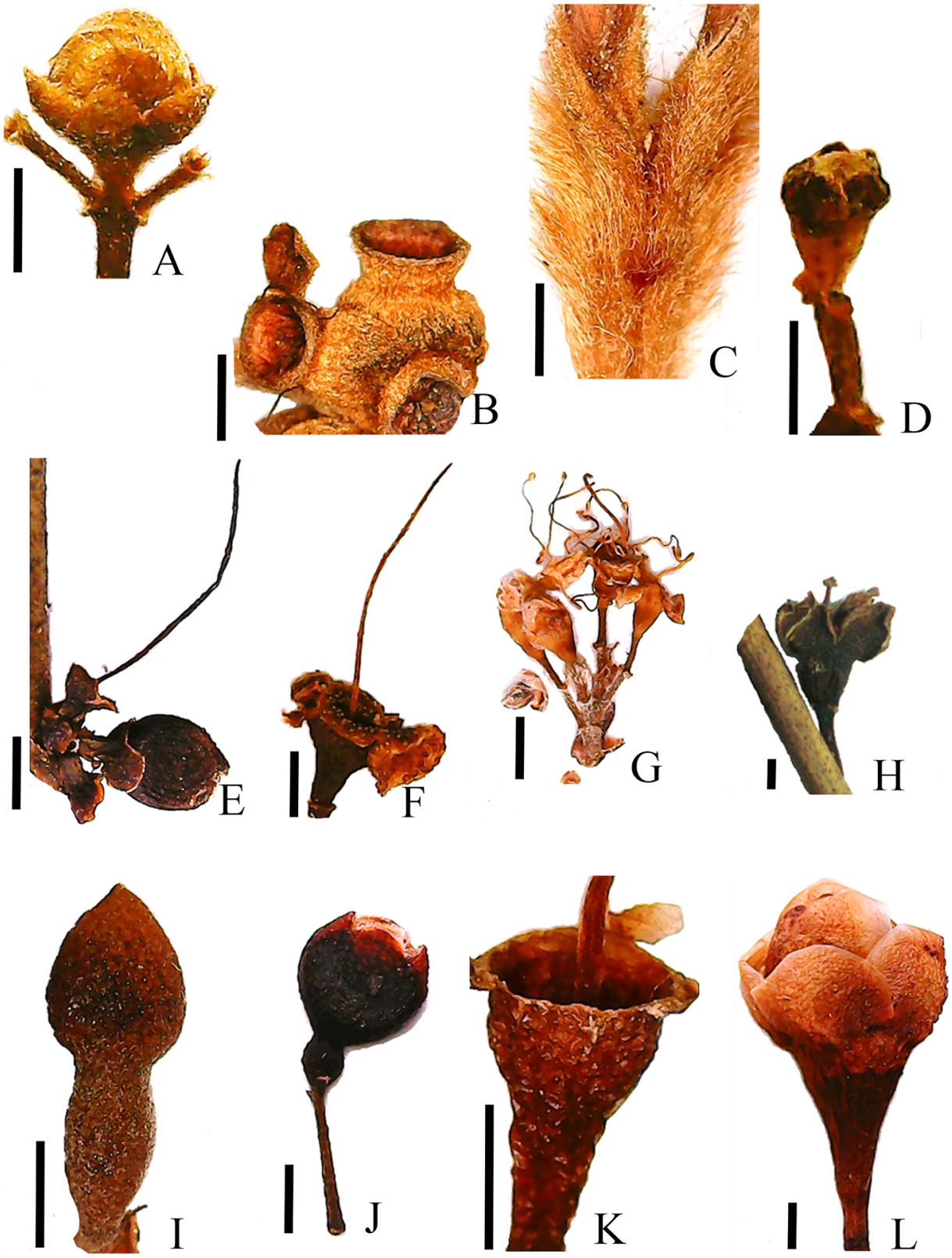

Figura 8. Botões florais (A-B, D-L) e detalhe de tricomas (C). **A.** *Myrcia splendens* (J. Meireles); **B.** *Myrcia strigosa* (F.C.S.Vieira 330); **C.** *Myrcia strigosa* (E. Dias 128); **D.** *Myrcia tijucensis* (C. Hering-Rinnert 690); **E.** *Myrciaria floribunda* (F.C.S. Vieira 3240); **F.** *Neomitranthes glomerata* (F.C.S. Vieira 992); **G.** *Plinia peruviana* (F.C.S. Vieira 3276); **H.** *Psidium cattleyanum* (F.C.S. Vieira 674); **I.** *Psidium guajava* (F.C.S. Vieira 671); **J**. *Siphoneugena guilfoyleiana* (F.C.S. Vieira 3342); **K.** *Syzygium cumini* (J.Z. Berger 193); **L.** *Syzygium jambos* (G. Casas 165). Barras = 2 mm.

Figura 9. Frutos. **A.** *Eugenia brasiliensis*; **B.** *Eugenia catharinensis*; **C.** *Eugenia neotristis*; **D.** *Eugenia stigmatosa*; **E.** *Eugenia sulcata*; **F.** *Eugenia uniflora*; **G.** *Eugenia neotristis*; **H.** *Myrcia strigosa*; **I.** *Myrciaria floribunda*; **J.** *Neomitranthes glomerata*; **K.** *Plinia peruviana*; **L.** *Psidium cattleyanum*. (Fotos: Fábio Longen).

(Sobral 2003). Foi tratada na FIC por Legrand & Klein (1969) como *Gomidesia tijucensis* (Kiaersk.) D. Legrand.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Praia do Ervino, 2002, C. Hering 690 (JOI); Joinville, Morro do Finder, II.2007, F.C.S. Vieira 1897 (JOI).

Myrciaria O. Berg, Linnaea 27:320. 1856.

Subarbustos, arbustos ou árvores, ramos com casca lisa, descamando em placas irregulares até longitudinais. Inflorescências tipo racemo axilar ou glomerular. Flores tetrâmeras; botões florais com menos de 6 mm de largura; pedúnculos menores que 10 mm, bractéolas conatas na base; cálice rompendo-se em lobos pouco evidentes, desprendendo-se e deixando cicatriz circular, ovário bilocular, com dois óvulos por lóculo; semente com cotilédones crassos, separados.

Gênero exclusivamente americano que ocorre desde o México até o Uruguai (Sobral 1993). Segundo Landrum & Kawasaki (1997) existem cerca de 30 espécies no Brasil, principalmente na região sudeste (Morais & Lombardi 2006).

Myrciaria floribunda (H.West ex Willd.) O. Berg, Linnaea 27:330. 1856.

(Figs. 5E, 8E, 9I, 12E)

Árvore de 6-8 m, casca áspera, descamando em placas finas, rígidas irregulares, de cor marrom até avermelhada, áspera cinza até marrom nos ramos, ramos terminais algo achatados com protuberância longitudinal em ambos os lados. Planta glabra. Glândulas diminutas numerosas, visíveis em ambas as faces da folha sob aumento, bem como nos ramos terminais. Folhas elípticas, 65-85 x 21-26 mm, concolores, ápice acuminado, base atenuada, pecíolos 5-7 mm. Flores dispostas em glomérulos, sépalas indistintas, bractéolas aos pares, conatas na base. Frutos não vistos.

Arvoreta até árvore característica pelas flores em glomérulos e bractéolas conatas na base. Foi mencionada por Vieira & Esemann-Quadros (2005) para a ilha Grande e, apesar do Voucher estéril não ter sido localizado, a espécie foi colecionada pela equipe do IFFSC na Vila da Glória (UA 1052, SINFLOR) que é parte continental de SFS e muito próxima das ilhas, segundo Sobral (2003) ocorre na maior parte do Brasil.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Grande, estéril, F.C.S. Vieira s/nº (JOI não encontrado); Joinville, UNIVILLE, mata do Campus Universitário, 19.III.2009, A. Trom 11 (JOI); 29.I.2021, F.C.S. Vieira 3240 (JOI).

Neomitranthes Kausel ex D. Legrand, Fl. Ilustr. Catarin. (MIRT.): 671. 1977.

Arvoretas com flores em glomérulos ou fascículos, até flores solitárias axilares, com bractéolas persistentes e cálice modificado em caliptra, embrião de cotilédones crassos. Segundo Souza (2009), é um gênero endêmico da costa atlântica brasileira com 14 espécies, e na Babitonga foi encontrada apenas uma espécie.

Neomitranthes glomerata (D. Legrand) D. Legrand, Fl. Ilustr. Catarin. MIRT: 679. 1977.

(Figs. 5F, 8F, 9J, 12F)

Arvoreta, casca áspera, bege até cinza, mais clara nos ramos jovens, estes com estruturas glandulares semelhantes às observadas nas folhas. Folhas elípticas, 39-60 x 20-42 mm, pouco discolores, nervura central saliente em ambas as faces, ápice acuminado, base atenuada, bordo revoluto. Flores com sépalas modificas em caliptra, estilete longo, 8 mm, cerca de 4 vezes o comprimento do ovário.

Arvoreta característica pela nervura central saliente na face adaxial e presença de caliptra nas flores. Pouco frequente na Babitonga, ocorre do Rio de Janeiro até Santa Catarina (Souza 2009).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha das Flores, 22.IV.2005, F.C.S. Vieira 992 (JOI); 20.X.2005, W.S. Mancinelli 366 (JOI).

Plinia L., Sp. Pl. 1:516. 1753.

Arvoretas ou árvores. Inflorescências tipo racemo glomerular, geralmente com caulifloria. Flores 4-5 meras; botões florais com menos de 6 mm de largura; bractéolas livres; pedúnculos maiores que 10 mm compr.; cálice rompendo-se em lobos; ovário bilocular. Cotilédones crassos, separados, lobos calicinais persistentes no fruto. No Brasil existem 40 espécies de *Plinia*, a maioria distribuída na região Sudeste (Flora do Brasil 2020).

Plinia peruviana (Poir.) Govaerts, World Checkl. Myrtaceae 344. 2008.

(Figs. 5G, 8G, 12G)

Arvoreta de 3-10 m, característica pela casca lisa descamando em placas cartáceas irregulares, deixando superfície lisa, esbranquiça até marrom. Folhas elípticas 20-42 x 9-18 mm, discolores, nervura central saliente na face abaxial, ápice acuminado até cuneado, base cuneada. Flores dispostas em glomérulos no caule, pedicelos raramente alcançando 2 mm, frutos negros aglomerados no caule.

Foi observada nas proximidades das habitações das ilhas da Babitonga e é amplamente cultivada nas adjacências do estuário, muito apreciada pelos saborosos frutos.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Tapera, 23.VII.2012. R. Palhares 1516 (EAFM 12334); Joinville, bairro Aventureiro, cultivada, 05.III.2021. F.C.S. Vieira 3276 (JOI).

Psidium L., Sp. Pl. 1:470. 1753.

Arbustos até árvores. Ramos com casca descamando em placas irregulares, deixando superfície lisa, de cor laranja até vermelha. Flores solitárias, axilares ou terminais. Flores 4-5 meras; pedúnculos de 3-10 mm; cálice rompendo-se em lobos quase regulares até irregulares; estigma peltado. Semente com testa óssea.

São conhecidas 70 espécies, distribuídas desde o México e Caribe, até a Argentina (Landrum & Kawasaki 1997), na Babitonga foram encontradas duas espécies.

Chave para as espécies de *Psidium* na Babitonga

1 Nervuras salientes na face abaxial foliar, botões obcônicos, fechados no ápice ..... *P. guajava*

1' Nervuras inconspícuas na face abaxial foliar, botões globosos, abertos no ápice ..... *P. cattleyanum*

Psidium cattleyanum Sabine, Trans. Hort. Soc. London 4:317. 1821.

(Figs. 5H, 8H, 9L, 12I)

Arvoretas 4-7 m, casca lisa, avermelhada até marrom, descamando em placas cartáceas, deixando superfície lisa. Plantas glabras. Folhas elípticas até obovadas, 45-70 x 19-55 mm, pouco discolores, ápice acuminado até arredondado, base cuneada ou decorrente, pecíolos 4-9 mm. Flores solitárias, axilares; botões florais globosos 5 x 5 mm, abertos no ápice, pedicelos 7 mm, estigma peltado. Frutos globosos, 20-30 x 18-22 mm, amarelos quando maduros.

Destaca-se por seu caule com casca lisa marrom avermelhada, e seus frutos amarelados com cálice persistente, podendo ser confundida com *P. guajava*, no entanto essa última possui nervuras salientes na face abaxial das folhas, enquanto *P. cattleyanum* as possui inconspícuas. Ocorre com muita frequência na Babitonga, tanto nas áreas rochosas como em Restingas e Terras Baixas, e no Brasil, ocorre desde São Paulo até o Rio Grande do Sul (Legrand & Klein 1977a, Sobral 2003).

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha das Flores, 26.III.2004, F.C.S. Vieira 263 (JOI); 21.X.2004, F.C.S. Vieira 523 (JOI); 21.X.2004, F.C.S. Vieira 529 (JOI); 10.III.2005, F.C.S. Vieira 896 (JOI); 22.IV.2005, F.C.S. Vieira 994 (JOI).

Psidium guajava L., Sp. Pl. 1: 470. 1753.

(Figs. 5I, 8I, 12J)

Arvoretas até árvores de 3-10 m, casca lisa, avermelhada até marrom, descamando em placas cartáceas, deixando superfície lisa. Plantas glabras, exceto por tricomas nas flores, pedúnculos, ramos jovens e face abaxial das folhas, glândulas buladas em ambas as faces da folha e nos ramos jovens. Folhas elípticas 82-124 x 32-65 mm, pouco discolores em material seco, ápice arredondado, as vezes mucronado, base cuneada até arredondada, pecíolos 5-7 mm. Flores solitárias, axilares; botões florais obcônicos, estreitados no ápice do hipanto, fechados no ápice, 15 x 5 mm, pedicelos 7-15 mm, estigma peltado. Frutos globosos até obovados 40-70 x 35-50 mm, amarelos quando maduros.

Planta com caule tortuoso de casca lisa, marrom, e seus frutos amarelados com cálice persistente, podendo ser confundida com *P. cattleyanum*, no entanto essa última possui nervuras inconspícuas, enquanto em *P. guajava* são salientes na face abaxial das folhas. Ocorre com frequência na Babitonga, em áreas antropizadas, e ocasionalmente em matas secundárias, sua origem é considerada naturalizada para a região.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha Grande, 01.XII.2004, F.C.S. Vieira 671 (JOI); ilha do Corisco, 29.IV.2004, f., K. Moraes 43 (JOI).

Siphoneugena O. Berg, Linnaea 27: 344 1856.

Arvoretas até árvores, inflorescências em racemos axilares cuja ráquis é bem reduzida. Botões florais com menos de 6 mm de largura. Flores tetrâmeras, cálice com pequenos lobos, decíduo, hipanto elevado, ovário contraído e fusiforme pelo estrangulamento na base das sépalas, sementes com cotilédones crassos. O gênero tem 10 espécies reconhecidas para o Brasil (Proença 2020).

Siphoneugena guilfoyleiana Proença, Edinburgh J. Bot. 47: 254 (-256), fig. 5 1990.

(Figs. 5J, 8J, 12H)

Arvoreta de 3-5 m, casca clara, acinzentada, de aspecto áspero, com algumas fissuras longitudinais, ramos jovens da mesma cor as vezes marrons e levemente achatados, planta quase totalmente glabra, folhas elípticas, 30-55 x 18-25 mm, discolores em material herborizado, base aguda

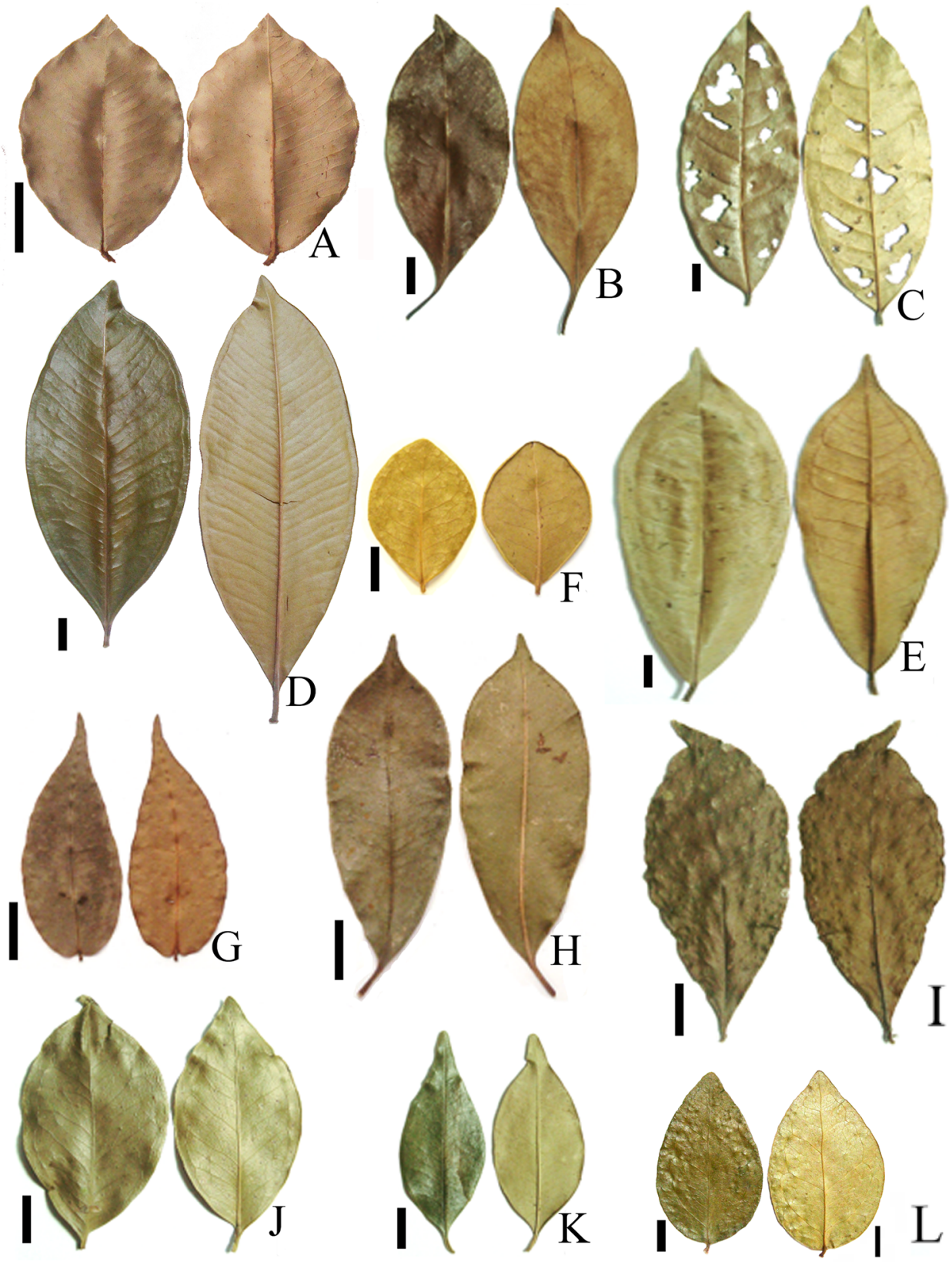

Figura 10. Folhas. **A.** *Blepharocalyx salicifolius* (F.C.S. Vieira 3229); **B.** *Eugenia astringens* (F.C.S. Vieira 3280); **C.** *Eugenia bacopari* (F.C.S. Vieira 2133); **D.** *Eugenia brasiliensis* (F.C.S. Vieira 84); **E.** *Eugenia brevistyla* (T.G. Fredich 71); **F.** *Eugenia catharinae* (J.C.F. Melo-Júnior 1112); **G.** *Eugenia catharinensis* (Hering-Rinnert 470); **H.** *Eugenia cereja* (F.C.S. Vieira 1335); **I.** *Eugenia neotristis* (F.C.S. Vieira 3250); **J.** *Eugenia stigmatosa* (G. Casas 26); **K.** *Eugenia sulcata* (T.G. Fredich 101); **L.** *Eugenia uniflora* (F.C.S. Vieira 3280). Barras = 10 mm.

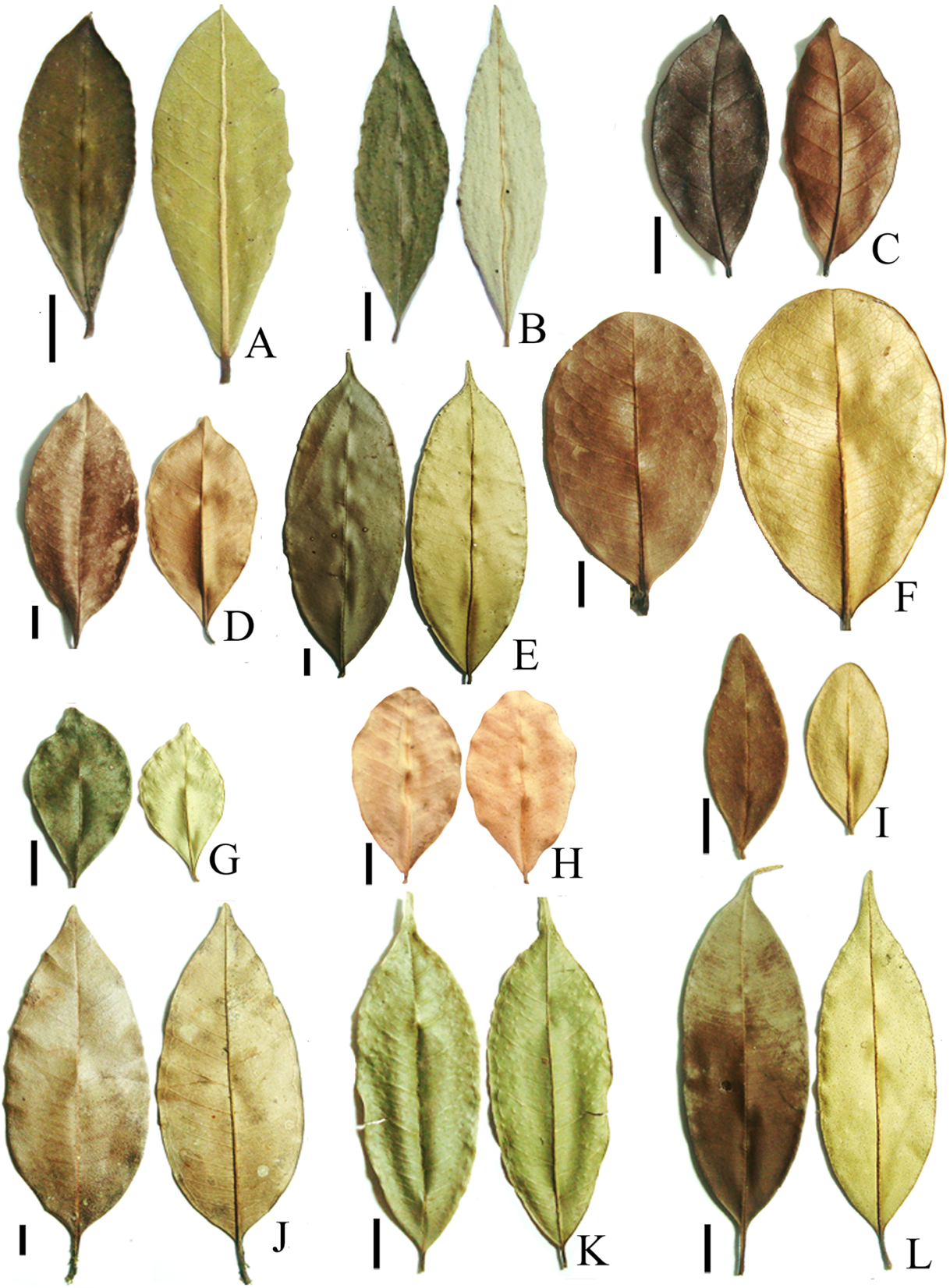

Figura 11. Folhas. **A.** *Myrceugenia campestris* (F.C.S. Vieira 423); **B.** *Myrceugenia cucullata* (F.C.S. Vieira 1649); **C.** *Myrcia amazonica* (F.C.S. Vieira 582); **D.** *Myrcia brasiliensis* (F.C.S. Vieira 753); **E.** *Myrcia eugeniopsoides* (F.C.S. Vieira 3233); **F.** *Myrcia ilheosensis* (D. Bussmann 62); **G.** *Myrcia multiflora* (F.C.S. Vieira 3230); **H.** *Myrcia neorubella* (F.C.S. Vieira 3227); **I.** *Myrcia palustris* (F.C.S. Vieira 3280); **J.** *Myrcia pubipetala* (F.C.S. Vieira 3275); **K.** *Myrcia racemosa* (M. Weiers 10); **L.** *Myrcia reitzii* (J.Z. Berger 450). Barras = 10 mm.

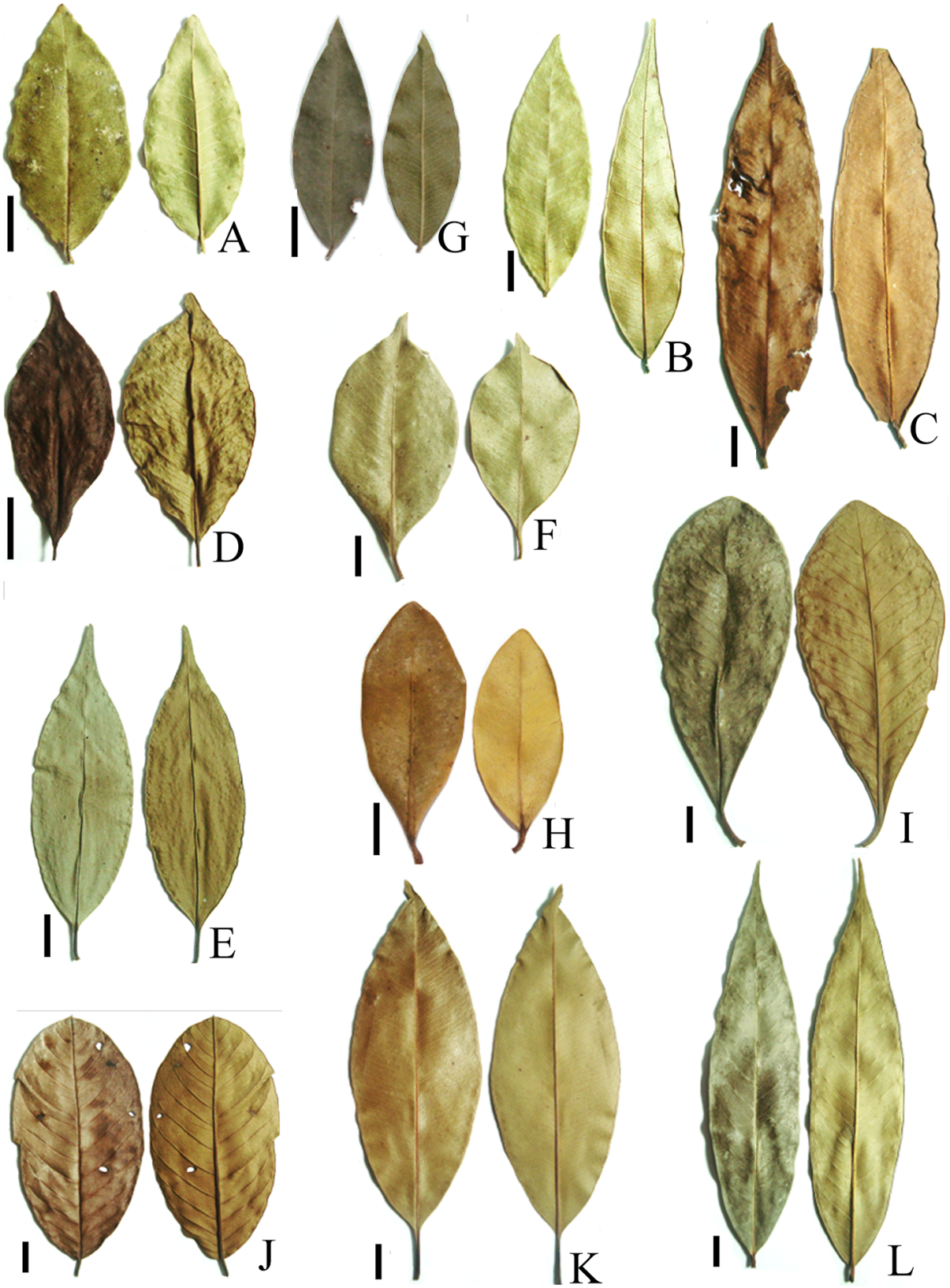

Figura 12. Folhas. **A.** *Myrcia selloi* (F.C.S. Vieira 1859); **B.** *Myrcia splendens* (J. Meireles 824); **C.** *Myrcia strigosa* (F.C.S. Vieira 330); **D.** *Myrcia tijucensis* (C. Hering-Rinnert 690); **E.** *Myrciaria floribunda* (F.C.S. Vieira 3240); **F.** *Neomitranthes glomerata* (F.C.S. Vieira 992); **G.** *Plinia peruviana* (F.C.S. Vieira 3276); **H:** *Siphoneugena guilfoyleiana* (F.C.S. Vieira 3342); **I:** *Psidium cattleyanum* (F.C.S. Vieira 674); **J.** *Psidium guajava* (F.C.S. Vieira 671); **K.** *Syzygium cumini* (J. Z. Berger 193); **L.** *Syzygium jambos* (G. Casas 165). Barras = 10 mm.

até cuneada, ápice cuneado, bordo revoluto, glândulas levemente salientes na face abaxial. Flores dispostas em racemos curtos, umbeliformes, ráquis pouco evidente, pedicelos 4-6 mm, botões florais com até 6 mm de largura, sépalas separadas no terço superior, pétalas orbiculares cobertas por tricomas alvos, frutos não vistos.

Planta que a largos traços pode ser confundida com *E. catharinae* em campo, no entanto essa última tem folhas orbiculares e habita próximo da orla marítima, enquanto *S. guilfoyleiana* já ocorre mais para o interior da planície litorânea associada a bordas de floresta de Terras Baixas e Restinga arbórea, encontrada no estado de Santa Catarina somente em São Francisco do Sul. Ocorre em São Paulo e no Paraná (Lima *et al*. 2015) em Santa Catarina foi coletada pela primeira vez constituindo-se em nova ocorrência para a espécie

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, praia do Ervino, 10.VIII.2021, F.C.S. Vieira 3334 (SPF); 10.VIII.2021, F.C.S. Vieira 3336 (SPF); 19.VIII.2021, F.C.S. Vieira 3341 (SPF); 19.VIII.2021, F.C.S. Vieira 3342 (SPF).

Syzygium P.Browne ex Gaertn., Fruct. Sem. Pl. 1:166, 1788.

Plantas glabras, estames dobrados no botão. Botões florais com mais de 8 mm de largura. Sépalas pouco distintas, mais largas que compridas. Inflorescências tipo panícula ou racemos. Gênero com aproximadamente 1.000 espécies amplamente distribuídas como plantas cultivadas nas regiões tropicais e subtropicais (Pizzardo & Antonicelli 2020).

Chave para as espécies de *Syzygium* na Babitonga.

1. Flores em panículas, cálice truncado pouco distinto, pecíolo 14-20 mm ..... *S. cumini*

1’. Flores em racemos, cálice com lobos arredondados, pecíolo 4-7 mm ..... *S. jambos*

Syzygium cumini (L.) Skeels, Bull. Bur. Pl. Industr. U.S.D.A. 25: 248 1912.

(Figs. 5K, 8K, 12K)

Árvore de até 15 m, casca rugosa, áspera, cinza, bege até marrom clara nos ramos. Folhas elípticas, 105-130 x 30-48 mm, ápice acuminado, base cuneada, pecíolos 14-20 mm, nervuras secundárias numerosas e paralelas em ângulo próximo de 45°. Flores sésseis, em grupos de 3 ou mais nas pontas de panículas, cálice truncado, pouco distinto, frutos não vistos.

Árvore alta, de casca rugosa e frutos negros muito chamativos pela quantidade que produz. Ocorre associada as habitações e áreas de cultivo abandonadas. Planta naturalizada.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha dos Herdeiros, 26.III.2004, R.R. Leite s/nº (JOI 1741); 19.IV.2004, F.C.S. Vieira 308 (JOI); ilha Grande, 01.XII.2004, F.C.S. Vieira 677 (JOI). Araquari, ilha dos Barcos, 19.X.2004, W.S. Mancinelli 39 (JOI).

Material adicional selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, Vila da Glória, 11.XII.2005, J.Z. Berger 193 (JOI).

Syzygium jambos (L.) Alston, Handb. Fl. Ceylon 6(Suppl.): 115 1931.

(Figs. 5L, 8L, 12L)

Arvoretas de até 8 m, casca áspera, cinza, até marrom clara nos ramos. Folhas elípticas até ovado-elípticas 105-200 x 23-50 mm, ápice acuminado, base cuneada até arredondada, pecíolos 4-7 mm. Flores grandes de 5-8 cm, em racemos, cálice com lobos arredondados, estames numerosos chegando a 30 mm. Frutos não vistos.

Arvoreta até árvore de copa frondosa e ramos pendentes, muito chamativa quando floresce, pois, suas flores são grandes quando comparada com as espécies nativas. Ocorre associada as habitações e áreas de cultivo abandonadas, bem como tem sido observada regenerando, florescendo e frutificando em áreas de mata nativa, entretanto não é muito frequente. Planta naturalizada.

Material selecionado: BRASIL. SANTA CATARINA: São Francisco do Sul, ilha dos Herdeiros, 06.X.2004, G. Casas 48 (JOI); 11.XI.2006, J.Z. Berger 488 (JOI); ilha de Mandigituba, 04.X.2004, F.C.S. Vieira 494 (JOI); Araquari, ilha dos Barcos, 07.X.2004, F.C.S. Vieira 503 (JOI).

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa ao primeiro autor; à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico de Santa Catarina (FAPESC) pelo financiamento dos projetos que possibilitaram toda a logística de transporte e atividades de campo; ao colecionador de frutíferas Fábio Longen por disponibilizar fotos de frutos e a todos os curadores e equipes de Herbários citados no texto que disponibilizaram suas imagens em meio virtual, bem como aos coletores que colaboraram no projeto Ilhas da Babitonga.

REFERÊNCIAS

Amorim, B. S. 2017. Filogenia e taxonomia do clado *Gomidesia* (*Myrcia s.l.*, Myrtaceae) na Floresta Atlântica do Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 194 pp.

Barroso, G. M., Peixoto, A. L., Ichaso, C. L. G., Costa, C. G., Guimarães, E. F. & Lima de, A. C. 1984. Sistemática de angiospermas do Brasil. v. 2. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, 377p.

Brummitt, R. K. & Powell, C. E. 1992. Authors of plants names. Royal Botanical Garden, Kew. 732p.

Dorneles, L. P. P. & Waechter, J. L. 2004. Fitossociologia do componente arbóreo na floresta turfosa do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, Rio Grande do Sul, Brasil. Acta Bot. Bras., 18(4): 815-824.

Fernandez, E., Crispim, G., Martinelli, G. & Giaretta, A. 2020. *Eugenia neotristis*. The IUCN red list of threatened species 2020. Disponível em:https://www.iucnredlist.org/species/176129699/176129703. Acessado em 23.01.2021.

Flora do Brasil 2020 em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/ . Acessado em: 04.01.2021.

França, G. S. & Stehmann, J. R. 2004. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de uma floresta altimontana no município de Camanducaia, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Botânica, 27(1): 19-30.

Galvão, F., Roderjan, C. V., Kuniyoshi, Y. S. & Ziller, S. R. 2002. Composição florística e fitossociologia de caxetais do litoral do Estado do Paraná, Brasil. Floresta, 32(1): 17-39.

Giaretta, A. de O. 2018. Sistemática de *Eugenia* (Myrtaceae, Myrteae): evolução da flor e da inflorescência e implicações taxonômicas. Tese de Doutorado, Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, Departamento de Botânica. 238p.

Gonçalves, E. G. & Lorenzi, H. 2007. Morfologia vegetal. Organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares. Instituto Plantarum, Nova Odessa. 445p.

IPNI 2021. International Plant Names Index. The Royal Botanic Gardens, Kew, Harvard University Herbaria & Libraries and Australian National Botanic Gardens. Disponível em: http://www.ipni.org. Acessado em 18.10.2021.

Judd, W. S., Campbell, C. S., Kellog, E. A. & Stevens, P. F. 2009. Sistemática vegetal: um enfoque filogenético. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Kurtz, B. C. & Araújo, D. S. D. 2000. Composição florística e estrutura do componente arbóreo de um trecho de mata atlântica na Estação Ecológica Estadual do Paraíso, Cachoeiras de Macacu, Rio de Janeiro, Brasil. Rodriguésia 51: 69-112.

Landrum, L. R. 1981. A monograph of the genus *Myrceugenia*. Flora Neotropica 29: 1-137.

Landrum, L. R. 1986. A monograph of the genus *Campomanesia, Pimenta, Blepharocalyx, Legrandia, Acca, Myrrhinium* and *Luma* (Myrtaceae). Flora Neotropica 29: 1-137.

Landrum & Kawasaki, M. L. 1997. The genera of Myrtaceae in Brazil: an illustrated synoptic treatment and identification keys. Brittonia 49(4): 508-536.

Lannoy, L. C. de, Goldenberg, R. & Lima, D. F. 2019. Taxonomic rearrangements and typifications in *Myrcia* sect. Tomentosae (Myrteae, Myrtaceae). Phytotaxa 404 (3): 111–120.

Legrand, C. D. & Klein, R. M. 1967. *Gomidesia* O. Berg. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 01-44.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1969a. *Eugenia* L. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 45-216.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1969b. *Myrcia* DC. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 217-330

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1970. *Myrceugenia* O. Berg (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 331-453.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1971a. *Marlierea* Cambess. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 454-488.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1971b. *Calyptranthes* Sw. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 489-552.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1977a. *Campomanesia, Feijoa, Britoa, Myrrhinium, Hexaclamys, Siphoeugena, Myrcianthes, Neomitranthes, Psidium*. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 571-730.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1977b. Suplemento I. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 1-34.

Legrand, C. D. & Klein, R.M. 1978. *Myrciaria, Pseudocaryophyllus, Blepharocalyx,* espécies suplementares, espécies cultivadas, generalidades. (Fasc. Mirt.) *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. p. 731-876.

Lima, D. F, Caddah, M. K. & Goldenberg, R. 2015. A família Myrtaceae na ilha do Mel, Paranaguá, Estado do Paraná, Brasil. Hoehnea 42(3): 497-519.

Lourenço, A. R., Burton, G. P., Alves, M. & Lucas, E. 2020. *Myrcia* sect. Calyptranthes (Myrtaceae) from the Atlantic Forest, Brazil. Phytotaxa 460(1): 012-58.

Lucas, E., Wilson, C. E., Lima, D. F., Sobral, M. & Matsumoto, K., 2016. A conspectus of *Myrcia* sect. *Aulomyrcia* (Myrtaceae). Ann. Missouri Bot. Gard. 101 (4): 648–698.

Lucas, E. J., Amorim, B. S., Lima, D. F., Lima-Lourenço, A. R., Nic Lughadha, E. M., Proença, C. E. B., Rosa, P. O., Rosário, A. S., Santos, L. L., Santos, M. F., Souza, M. C., Staggemeier, V. G., Vasconcelos, T. N. C. & Sobral, M. 2018. A new infra-generic classification of the species-rich Neotropical genus *Myrcia* s.l. Kew Bulletin 73: 9.

Lucas, E. J., Holst, B., Sobral, M., Mazine, F. F., Nic Lughadha, E. M., Proença, C. E. B., Costa, I. R. & Vasconcelos, T. N. C. 2019. A new subtribal classification of tribe Myrteae (Myrtaceae). Systematic Botany 44: 560–569.

Mamede, M. C. H., Souza, V., Prado, J., Barros, F. & Rando, J. G. 2006. Livro vermelho das espécies vegetais ameaçadas do Estado de São Paulo. Instituto de Botânica, ISBN: 9788575230190.

Mazine, F. F., Fortes, M. S. & Lucas, E. 2014. New combinations and new names in *Myrcia* (Myrtaceae) for Flora of São Paulo state, Brazil. Phytotaxa 173(1): 97–100.

Mazine, F. F., Bünger, M. O., Faria, J. E. Q., Lucas, E. & Souza, V. C. 2016. Sections in *Eugenia* (Myrteae, Myrtaceae): nomenclatural notes and a key. Phytotaxa 289: 225–236.

Melo, M. M. R. F. Demografia de árvores em floresta tropical pluvial atlântica, ilha do Cardoso, SP, Brasil. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Ciências – Ecologia). Universidade de São Paulo.

Mori, S. A., Boom, B. M., Carvalino, A. M. de & Santos, T. S. dos. 1983. Ecological importance of Myrtaceae in eastern Brazilian wet Forest. Biotropica 15(1): 68-70.

Murray-Smith, C., Brummitt N. A., Oliveira-Filho, A. T., Bachman, S., Moat, J. Nic Lughadha, E. M. & Lucas, E. J. 2009. Plant diversity hotspots in the Atlantic coastal forests of Brazil. Conservation Biology 23: 151–163.

Negrelle, R. R. 2002. The Atlantic forest in the Volta Velha Reserve: a tropical rain forest site outside the tropics. Biodiversity & Conservation, 11: 887-919.

Oliveira, R. de J., Mantovani, W. & Melo, M. M. da R. F. de. 2001. Estrutura do componente arbustivo-arbóreo da floresta atlântica de encosta, Peruíbe, SP. Acta Bot. Bras., 15(3): 391-412.

Pellis, V. F., Ferreira, R. B. & Caddah, M. K. 2021. Sinopse de Myrtaceae Juss. no Monumento Natural Municipal da Lagoa do Peri, Florianópolis, SC, Brasil. Hoehnea [online]. 2021, v. 48.

Proença, C.E.B. 2020. *Siphoneugena in* Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB10890. Acessado em 23.03.2022.

Pizzardo, R. C. & Antonicelli, M. C. 2020. *Syzygium in* Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB24035>. Acessado em: 23.03.2022.

Proença, C. E. B., Amorim, B. S., Antonicelli, M. C., Bünger, M., Burton, G. P., Caldas, D. K. D., Costa, I. R., Faria, J. E. Q., Fernandes, T., Gaem, P. H., Giaretta, A., Lima, D. F., Lourenço, A. R. L., Lucas, E. J., Mazine, F. F., Meireles, L. D., Oliveira, M. I. U., Pizzardo, R. C., Rosa, P. O., Santana, K. C., Santos, L. L. D., Santos, M. F., Souza, M. C., Souza, M. A. D., Stadnik, A., Staggemeier, V. G., Tuler, A. C., Valdemarin, K. S., Vasconcelos, T. N. C., Vieira, F. C. S., Walter, B. M. T., Sobral, M. 2020. Myrtaceae in Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB171. Acessado em 09.02.2024.

Reitz, R. 1965. Plano de coleção. *In*: Reitz, R. Flora Ilustrada Catarinense. Itajaí. 71p.

Ribeiro, J. E. L. da S., Hopkins, M. J. G., Vicentini, A., Sothers, C. A., Costa, M. A. da S., Brito, J. M. de, Souza, M. A. D. de, Martins, L. H. P., Lohmann, L. G., Assunção, P. A. C. L., Pereira, E. da C., Silva, C. F. da, Mesquita, M. R., Procópio, L. C. 1999. Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra-firme na Amazônia Central. INPA, Manaus. 816p.

Silva, F. C. da. 1985. Composição florística e estrutura fitossociológica da floresta tropical ombrófila da encosta atlântica no município de Morretes – Estado do Paraná. Curitiba. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná.

Simpson, M. G. 2006. Plant Systematics. Elsevier, Amsterdam.

SINFLOR 2021. Disponível em: <http://www.furb.br/sinflor/>. Acessado em 10.01.2021.

Sobral, M. 2003. A família das Myrtaceae no Rio Grande do Sul. Ed. Unisinos, São Leopoldo. 218p.

Sobral, M. 2011. *Eugenia* (Myrtaceae) no Paraná. Ed. Edul, Londrina, 236p.

Souza, M. da C., Morim, M. P., Conde, M. de M. S. & Menezes, L.F.T. 2007. Subtribo *Myrciinae* O. Berg (Myrtaceae) na Restinga da Marambaia, RJ, Brasil. Acta Botanica Brasilica 21(1): 49-63.

Souza, M. da C. 2009. Estudos taxonômicos em Myrtaceae no Brasil: revisão de *Neomitranthes* Kausel *ex* D. Legrand e contribuição ao conhecimento da diversidade e conservação de *Plinia* L. no Domínio Atlântico. Tese de Doutorado, Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 133p.

Veloso, H. P. 1992. Sistema fitogeográfico. *In:* Manual técnico da vegetação brasileira. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ed.) IBGE, Rio de Janeiro. p. 9-38.

Vibrans, A. C., Sevegnani, L., Gasper, A. L & Lingner, D. V. (eds.) 2013. Inventário Florístico Florestal de Santa Catarina: Floresta Ombrófila Densa. Edifurb, Blumenau, v. IV. 580p.

Vieira, F. C. S. & Esemann-Quadros, K. 2006. Florística de Myrtaceae nas ilhas do complexo hídrico da baía da Babitonga. Caderno de Iniciação a Pesquisa 8: 75–81.

Vieira, F. C. S., Meireles, L. D. *Myrceugenia. In:* Flora do Brasil 2020. em construção. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB10631. Accessado em 05.10.2020.

Vieira, J. C. 2021. O significado de Babitonga. Academia Joinvillense de Letras. Disponível em: <http://academiajoinvilense.com.br/o-significado-de-babitonga-vieira/>. Acessado em 02.02.2021.

WCSP 2024. World Checklist of Selected Plant Families. Facilitated by the Royal Botanic Gardens, Kew. Disponível em: http://wcsp.science.kew.org/. Acessado em 09.02.2024.